



atos

do conselho geral

ano LXXVI julho-setembro 1995

N.º 353

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE DOCUMENTAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

N. 353

ano LXXVI

julho - setembro

1995

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan Edmundo VECCHI Em memória do P. Egídio Viganò: uma mensagem de esperança	03
	1.2 Mensagem do Santo Padre e homilia do Vigário durante a Missa exequial	11
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Giuseppe NICOLUSSI Trabalhar juntos: Colaboração e co-responsabilidade no campo formativo	20
	2.2 P. Antonio MARTINELLI A carta de comunhão na Família Salesiana de Dom Bosco	28
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	39
	4.2 Crônica do Conselho Geral	40
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Breve Apostólico para a beatificação da Ven. Serva de Deus Maddalena Caterina MoranoFMA	59
	5.2 Comissão Pré-capitular para o CG24	61
	5.3 Aprovado o novo texto da Liturgia das Horas para os Institutos da Família Salesiana	62
	5.4 Novo Bispo Salesiano	63
	5.5 Algumas nomeações significativas	63
	5.6 Irmãos falecidos	65

Tradução: P. José Antenor Velho

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
Rua Dom Bosco, 441
03105-020 — São Paulo — SP
Fone: (011) 277-3211
Fax: (011) 279-0329
Telex: 11 32431 ESPS BR

1. CARTA DO REITOR-MOR

1.1. EM MEMÓRIA DO P. EGÍDIO VIGANÒ: UMA MENSAGEM DE ESPERANÇA

Roma, 1º de julho de 1995

O nosso Reitor-Mor, P. Egídio Viganò, 7º sucessor de Dom Bosco, retornou à casa do Pai no dia 23 de junho passado. Faleceu na Casa Geral, assistido por seus irmãos P. Angelo e P. Francesco, confortado pela oração e pelo afeto dos irmãos e irmãs e rodeado pelos sinais de estima de numerosos amigos. O Santo Padre fez-lhe chegar pessoalmente, por telefone, a sua palavra de conforto e a sua bênção.

Os funerais evidenciaram o reconhecimento dos irmãos e membros da Família Salesiana ao P. Viganò pelo seu incansável serviço de orientação e animação. Ressaltaram a estima de que gozava nos ambientes eclesiais e civis pela sua preparação teológica e disponibilidade à colaboração.

Demonstraram sobretudo a comunhão que a Congregação soube criar no mundo com suas comunidades e obras. Chegaram do mundo todo numerosos fax, telegramas e cartas de condolências e comentários sobre a personalidade e a obra do P. Viganò, assinados por altas personalidades e também por gente simples.

Quero agradecer, com os mais cordiais sentimentos, aos Inspectores, comunidades salesianas e irmãos que enviaram a própria participação.

Foram também realizadas comemorações em muitos e variados lugares onde estão presentes os Salesianos, com a participação de autoridades e povo. Particularmente significativa foi a que a cidade de

Sondrio, sua cidade natal, quis dedicar-lhe na sexta-feira, 30 de junho. Dela tomaram parte o Vigário do Reitor-Mor e diversos Conselheiros Gerais.

A herança que nos deixa, em continuidade com os anteriores Reitores-Mores e Capítulos Gerais, constitui um inestimável tesouro de família. Os oradores que se sucederam sublinharam seus aspectos mais relevantes. Os amigos e a imprensa recordaram a sua contribuição à reflexão pastoral do pós-Concílio e as iniciativas educativas que inspirou. É prematuro tentar um balanço mais completo, mesmo que só com a finalidade de meditação. O que se fará proximamente na carta mortuária já em preparação. E nos servirá para a relação sobre o Estado da Congregação no próximo Capítulo Geral.

Parece, porém, mais de acordo com os acontecimentos dar ao vosso conhecimento as últimas páginas escritas pelo P. Egídio. Ele manifestava freqüentemente durante a enfermidade o desejo de dar aos irmãos uma meditação sobre o sofrimento como momento privilegiado da caridade pastoral. Na Sexta-feira santa enviara uma mensagem em que dizia: "Queridos todos da Família Salesiana no mundo, sinto-me especialmente unido a vós neste sagrado dia de mistério e de sacrifício. Estou há semanas numa clínica, e jamais provara a experiência da Sexta-feira Santa como dia extraordinário do carisma de Dom Bosco. Submergir no mistério do amor de Cristo, subjugados pelos sofrimentos da carne: não se descobre um momento mais apropriado para estar com os jovens, para animar irmãos e irmãs, para intensificar a Família Salesiana. O que vos posso oferecer é muito pouco, mas ofereço-o neste clima de sexta-feira de missão e de paixão. Agradeço-vos pelas inúmeras orações e a cada um apresento com afeto fraterno, os mais cordiais votos pascais. Peçamos ao P.

Rua que nos faça sentir a sua ‘metade’ com Dom Bosco. No Senhor Vencedor”.

Tratava-se agora de desenvolvê-lo. Teria tido o tom e o valor da experiência pessoal.

Nós o encorajamos, conscientes do valor dessa reflexão amadurecida nas circunstâncias que nos são conhecidas. Nos dias em que esteve na enfermaria da UPS, quando parecia que se encaminhava para um certo restabelecimento, ele pediu as anotações recolhidas anteriormente. Propunha-se a desenvolver e dar forma definitiva à sua carta-mensagem.

Mas as forças não o sustentaram. A volta dos distúrbios, com o conseqüente ulterior enfraquecimento geral, impediu-o de entrar em cheio no argumento.

Encontramos em sua mesa seis páginas escritas à mão. Não se trata sequer de um primeiro ponto, mas apenas de indicações de motivos a serem alinhavados. Aparecem aqueles que lhe eram mais caros: Jesus Bom Pastor que dá a vida pelos seus e por isso é ressuscitado por Deus, a caridade pastoral, a graça de unidade, o “da mihi animas”, a contemplação salesiana.

Pensei, com os demais membros do Conselho que, embora em estado germinal, essas páginas constituíam como um testamento *sui generis*, compreensível e preciso para aqueles que conheceram P. Egídio diretamente ou pela leitura de seus escritos.

Continuai a recomendá-lo ao Senhor.

P. Juan E. Vecchi
Vigário do Reitor-Mor

Queridos irmãos,

vejo-os empenhados na preparação do próximo CG24: será um outro salto adiante para a vitalidade do carisma de Dom Bosco. Concentremos a oração, os sacrifícios e a reflexão para o crescimento na fidelidade às origens e aos tempos. Experimentei pessoalmente nos meses passados o que traz de novo em nossa vida o estado de doença na incipiente ancianidade. É uma espécie de ‘inculturação’ no sofrimento, que abre uma ótica diversa, mas inseparável e penetrante, sobre a identidade da própria vocação e sobre os aspectos mais vitais do próprio carisma.

Para iluminar salesianamente essa peculiar experiência, quis reler o que sabemos dos últimos quatro anos de vida de Dom Bosco: a sua velhice marcada por tantos sofrimentos, de 1884 ao início de 1888, dos 69 aos 72 anos. Quando completou 70 anos sua fraqueza e sua decadência eram tais que um médico exclamou: é como se tivesse completado 100! Encontrei-me diante de um “Fundador” que não cedia diante de suas mais altas responsabilidades de portador de um carisma concreto a ele confiado. A proposta do papa Leão XIII de procurar um sucessor, preferiu a de um vigário com direito a sucessão, preocupando-se assim do vértice, embora no sofrimento, com vários aspectos vitais para toda a Congregação.

É impressionante a descrição do seu estado de saúde: da vista às pernas, dos pulmões às deficiências em vários órgãos vitais. Mas não se fechou numa enfermaria para cuidar de si mesmo, antes, demonstrou coragem espiritual e até mesmo temeridade ao enfrentar viagens extenuantes, apesar da proibição dos médicos e da resistência dos irmãos. Foi à França (março '84), depois a Roma (abril-maio), em seguida a longa via-

gem a Barcelona (abril-maio '86), ainda a Milão (setembro '86) e finalmente a Roma para a consagração do santuário do Sagrado Coração.

O que mais admira nessa maneira de enfrentar o sofrimento é sem dúvida o dom de si pelo cuidado da vasta obra empreendida. À primeira vista parecem preocupações financeiras urgentes (para o templo do Sagrado Coração, para o programa missionário, para as necessidades dos jovens pobres de suas obras, para não deixar pesar dívidas sobre o seu sucessor); mas existe toda uma outra vertente que o preocupava: a questão dos 'privilégios' para a Congregação, a autenticidade do Sistema Preventivo (a famosa carta de Roma), o compromisso missionário, a fidelidade ao Papa e a defesa do seu magistério, o testamento a deixar aos irmãos, os sonhos sobre o futuro da Congregação. Permaneceu sempre o cérebro e o coração de sua obra: nele se distinguia a responsabilidade de "Fundador", avalizada no calvário pelo qual passava: a luz da cruz sobre a autenticidade do carisma.

De minha parte, meditando esse testemunho excepcional do nosso querido Fundador e Pai, pensei em concentrar a reflexão e a capacidade de orientação num tema central do nosso espírito, que precisa sempre de maior aprofundamento, sobretudo após a celebração do recente Sínodo sobre a Vida consagrada.

Enquanto Dom Bosco retornava da longa viagem a Barcelona, numa parada no seminário de Grénoble, o Superior do seminário, no discurso de boas-vindas disse-lhe entre outras coisas: "ninguém melhor que o senhor sabe o quanto o sofrimento seja santificador". E Dom Bosco comentou com perspicácia: "Não, monsenhor Reitor, não é o sofrimento que santifica, mas a paciência!"

Nessa expressão há uma profundidade espiritual que faz emergir a identidade do verdadeiro espírito

salesiano, centrado na *caridade pastoral*. É certamente bela a conhecida expressão *contemplativus in actione*, que não exprime, porém, a totalidade do segredo do espírito de Dom Bosco. Nele, doente, aparece radioso o mote escolhido para identificar o seu segredo: *da mihi animas*. É um dom de si para a salvação dos jovens que vivifica toda a existência: a atividade e a paciência. É o verdadeiro respiro da alma salesiana, como o P. Rinaldi deixou escrito. Na impotência física do nosso Pai brota poderosa e clara a atitude permanente e totalizante do *da mihi animas*: “por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida”.¹ Dom Rua com efeito constatava: “Não deu passo, não pronunciou palavra, não pôs mão a empreendimento que não visasse à salvação da juventude... Realmente tinha a peito tão somente as almas”.²

1. Cf. *Const.* 14

2. Cf. *Const.* 21

A observação de Dom Bosco sobre a importância da paciência leva-nos, pois, a individuar o verdadeiro significado da *caridade pastoral*.

E é indispensável referir aqui a nossa reflexão ao próprio mistério de Cristo, ao seu coração, aos acontecimentos de sua vida.

Mais que falar de *caridade pastoral*, como sujeito de reflexão abstrata, queremos referir-nos ao testemunho existencial de Jesus Cristo como *Bom Pastor*, ou seja com a ótica viva de um dado histórico que está na origem de toda a vocação cristã e que devemos perceber e aprofundar para a mais radical identidade do nosso espírito.

Trata-se de uma reflexão de marca explicitamente cristã, que não parte de conceitos embora sublimes, mas do realismo da história: pessoas, acontecimentos, dados de fato.

Jamais nos esqueçamos que a fé cristã nos concentra sempre na história; liga-nos a uma realidade vivida

que preexiste às elaborações conceituais e também às próprias estruturas sacramentais.

Para entender a caridade pastoral é preciso sentir em primeiro lugar as palpitações do coração do Bom Pastor em sua existência terrena, assim como para entender a Eucaristia é preciso referir-se antes aos acontecimentos históricos do Calvário.

Há, pois, um verdadeiro salto de qualidade de alto realismo para nossas reflexões. A explicação das considerações conceituais e do significado objetivo de toda a ordem sacramental deve ser encontrada clara e objetiva numa realidade histórica preexistente.

O Sínodo sobre a Vida consagrada ofereceu-nos a base para esse salto benéfico. De fato, se a Vida consagrada é constitutiva da natureza da Igreja, devemos referir-nos ao mistério de Cristo em si mesmo para explicar a sua origem e identidade.

Podemos sintetizar essa consideração afirmando com segurança que Jesus Cristo é o fundador da Vida consagrada e o iniciador da Pastoral da Nova Aliança.

Dois aspectos nEle inseparáveis, expressos na mais intensa *graça de unidade* que se possa imaginar.

Recordemos o quanto afirma João Paulo II na exortação apostólica *Pastores dabo vobis*: “ ‘O Espírito do Senhor está sobre mim’ (Lc 4,18). O Espírito não está simplesmente ‘sobre’ o Messias, mas o ‘preenche’, penetra, atinge em seu ser e agir. O Espírito, com efeito, é o princípio da ‘consagração’ e da ‘missão’ do Messias: ‘por isso consagrou-me com a unção, e enviou-me para anunciar aos pobres uma alegre notícia...’ (Lc 4,18). Pela força do Espírito, Jesus pertence total e exclusivamente a Deus, participa da infinita santidade de Deus que o chama, elege e envia. Dessa forma o Espírito do Senhor revela-se fonte de santidade e apelo à santificação”.³

É aqui que encontramos a revelação-chave daquilo que é a caridade pastoral em sua fonte primeira, a vocação fundamental de Jesus de ser o Bom Pastor: Ele ressuscitou como o Pastor bom que deu a vida pelas suas ovelhas.⁴

“O conteúdo essencial da caridade pastoral é o *dom de si*, o *total dom de si à Igreja*”.⁵

No coração de Jesus encontramos que a consagração está ligada orgânica e vitalmente à pastoral.

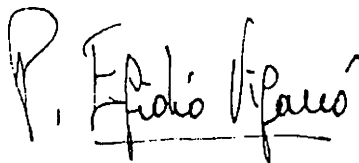
Em seu ministério público Jesus preocupou-se em formar uma fileira de empenhados pelo Reino, escolhendo os Doze para um serviço de caridade pastoral, dando-lhes poder de animação e capacidade de influência para que crescesse em vigor a graça de unidade entre consagração e missão.

É importante sublinhar que entre consagração e ministério apostólico existe, na realidade histórica preexistente à estrutura sacramental, um senso vital pelo qual não existe um consagrado que não esteja em união orgânica com o ministério apostólico, e vice-versa: o ministério apostólico está plenamente a serviço dos consagrados.

Se os Bispos no Sínodo, ao falar dos consagrados, repetiram tantas vezes *de re nostra agitur*, também os consagrados falando do ministério apostólico deverão repetir com alegre convicção *de re nostra agitur*.

4. *Missal romano*,
antífona do IV do-
mingo de Páscoa.

5. *Pastores dabo
vobis* 23



Reitor-Mor

1.2 MENSAGEM DO SANTO PADRE E HOMILIA DO VIGÁRIO DURANTE A MISSA EXEQUIAL

A solene Missa exequial em sufrágio do P. Egídio Viganò, presidida pelo P. Juan Edmundo Vecchi, Vigário do Reitor-Mor, tendo ao lado os dois irmãos salesianos, P. Angelo e P. Francesco, os membros do Conselho Geral e alguns Bispos salesianos, foi concelebrada por cerca de quinhentos sacerdotes, segunda-feira, 26 de junho, no templo de Dom Bosco em Roma. Assistiam à celebração 8 cardeais (os três cardeais salesianos em Roma, Rosalio Castillo Lara, Antonio Javierre Ortas e Alfons Stickler e os cardeais Eduardo Martínez Somalo, Pio Laghi, Eduardo F. Pironio, Achille Silvestrini, Adrianus Simonis), uns trinta Bispos, a Madre Geral das FMA com o seu Conselho, representantes de todos os grupos da Família Salesiana com numerosos jovens e muita gente, que vieram rezar pelo 7º Sucessor de Dom Bosco. Entre as autoridades civis, o Secretário Geral da Presidência da República Italiana representando o Presidente, Oscar Luigi Scalfaro, impedido de participar.

Apresentamos a mensagem enviada pelo Santo Padre por telegrama, lida no início da celebração por S. Eminência o Cardeal Rosalio Castillo Lara:

“Recebida com emoção a triste notícia do desaparecimento do Revmº P. Egídio Viganò, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco, apresento minhas sentidas condolências pelo luto que atingiu essa Congregação. Ao recordar com viva e afetuosa saudade a sua profunda preparação cultural, como estimado docente de Teologia da vida consagrada e iluminado educador dos jovens segundo

o método do venerado Fundador, rendo graças a nosso Senhor por ter dado à Igreja uma figura tão exemplar de zelo-sacerdote, generosamente empenhado na nova evangelização do mundo contemporâneo e precioso colaborador da Sé Apostólica, e ao mesmo tempo elevo fêrvidas orações para que acolha este seu servo bom e fiel na alegria eterna, que bem merece quem, como ele, gastou toda a vida na contínua doação à glória de Deus e ao bem das almas, enquanto envio ao senhor, à Família Salesiana e a quantos partilham a dor de sua partida a confortadora bênção apostólica em sinal da minha intensa participação ao luto.”

JOÃO PAULO II

E aqui, o texto da homilia do P. Juan E. Vecchi durante a celebração:

Impressiona a proclamação das bem-aventuranças junto a um cadáver e dirigida a uma comunidade que se ressente de uma grave perda. De fato as bem-aventuranças são constatações de uma felicidade já atuada; congratulações por um bem presente e definitivo, mais que um código de conduta acrescida de um prêmio ou uma página didática.

Elas anunciam que Deus torna felizes hoje aqueles que se põem em sua busca, se abrem à sua presença e lhe confiam a própria existência. Porque a vida se manifesta então como dom superior àquele que podíamos esperar ou desejar, e nós colhemos as suas dimensões mais verdadeiras: a graça, a justiça, a alegria do dom de si.

A raiz dessa felicidade – diz-nos ainda a Palavra de Deus – é o Espírito que habita, age e fala em nós. Ele faz nascer e amadurecer a consciência de que somos filhos de Deus. Leva a nos voltarmos a Ele com o tratamento de Pai e a ver a vida à luz dessa relação.

Começamos, então, a participar da história de uma outra maneira, porque percebemos que ela está cheia dessa mesma presença. Para o acontecimento de Cristo toda a realidade é como uma gestante que está para viver a experiência da maternidade, como sentinela que de cabeça erguida e olhar fixo perscruta o horizonte na expectativa do sinal de libertação.

É o testemunho de Deus a favor da vida. Contra ela não se sustentam nem as dificuldades passageiras nem a extinção de nossas forças.

A morte em Cristo não anula a felicidade, mas faz amadurecer a sua semente. Não é destruição de quanto procuramos fazer, mas sua realização.

Hoje, pois, chega à plenitude, para o P. Egídio e para nós, aquilo que ele procurou realizar e oferecer-nos em sua existência terrena.

- Agradecemos ao Senhor, em primeiro lugar, *pelo chamado à vida salesiana*, que o Espírito fez ressoar em seu coração de garoto e pela resposta que ele deu.

P. Egídio foi um filho espiritual de São João Bosco: filho, discípulo convicto, intérprete convincente e prolongamento de sua paternidade. Sobre muitas de suas qualidades e realizações se está falando nestes dias. Contudo a graça que as compõe todas numa fisionomia determinada é a vocação salesiana. É a sua índole própria, o seu código genético, o centro a partir do qual se plasma a sua identidade.

Preparada numa família de fé simples e substanciosa, brotou no ambiente vivaz do oratório. Essa experiência, pátria do carisma salesiano, permaneceu indelével em sua memória, em seu pensamento e até mesmo em sua linguagem. “Oratoriano” é uma referência chave em sua reflexão carismática. Do “tipo oratoriano” conser-

vou alguns gestos e gostos até os últimos anos. Mas sobretudo iluminou os valores pastorais e espirituais do oratório, como paradigma de vida e ação.

A experiência missionária, segundo sua expressão, deu a esse germe vocacional maior abertura a culturas, geografias e problemas. Percebeu que sob suas formas simples ocultavam-se riquezas válidas para contextos diversos, onde quer que o homem se encontre.

Sua resposta amadureceu no empenho de formação, na experiência comunitária e na prática pastoral. Mas, sobretudo, dedicou-se à reflexão orgânica e fundada num incansável confronto com as orientações da Igreja, os desafios dos jovens e as correntes culturais.

Esse patrimônio de vivência e meditação do carisma fica para nós como herança do seu Reitorado. Cartas circulares, comentários anuais às estréias, pregações de retiros, diálogos pessoais, orientações de governo transmitem clareza e entusiasmo juvenil para a singular experiência de Deus, que teve início com Dom Bosco.

As vicissitudes do Fundador, a original inspiração evangélica que está em sua base, a sintonia com a reflexão eclesial sobre a vida consagrada, a leitura dos sinais dos tempos foram como refletores que iluminavam uma realidade que considerou sempre dom do espírito à Igreja, aberto a inesperadas expressões.

Estava convicto de se encontrar diante de uma mina capaz de apresentar sempre novas riquezas. A ela aplicava então a seriedade do pensamento, as vibrações do coração, a capacidade da comunicação e o esforço da tradução prática.

Amou o carisma. Ou melhor, foi orgulhoso dele. Não teve dúvidas quanto ao futuro. De suas realizações foi jovialmente entusiasta. Procurou compreendê-lo, seguindo a vida concreta da congregação e da Família Salesiana

real, que também considerava um espaço onde o Espírito sugere e produz novidade: questionamentos, desafios, empreendimentos, desenvolvimentos próprios do nosso tempo.

Havia nele um sentimento quase espontâneo, comentado por alguns que lhe eram mais próximos, que agora recordamos com circunspeção: para o P. Viganò, sem pretensão de comparações, as coisas salesianas e os salesianos eram sempre “o melhor”, como o são os filhos para os pais. Era uma classificação de pertença, de afeto e de desejo. Julgava bravos os seus irmãos, e bravos os queria, cultural e pastoralmente, em particular em meio aos jovens. E agradecia ao Senhor por tê-lo feito Pai dessa Família.

Desse amor, guiado pelo intelecto e sempre voltado às realizações, nasceram algumas expressões-sínteses que são comentários da espiritualidade salesiana: *graça de unidade, coração oratoriano, êxtase da ação, interioridade apostólica, caridade pedagógica, método da bondade, criatividade pastoral, “evangelizar educando”*.

- Agradecemos ao Senhor porque *a sua Palavra e direção enraizou-nos mais solidamente em Cristo*.

A índole salesiana, que nele era uma segunda natureza, tinha uma fonte de alimentação: Jesus Cristo Bom Pastor, que empenha a vida pelos jovens. Ensinou-nos a contemplá-lo e amá-lo.

Provocado por um jornalista a revelar a sua oração preferida, confessou que era a invocação eucarística: Anunciamos a tua morte, Senhor, e proclamamos a tua ressurreição, enquanto esperamos a tua vinda. Era a sua meditação quotidiana modulada de mil formas diante de experiências, situações pessoais e acontecimentos. A morte de Jesus como expressão suprema do amor de

Deus pelo homem e como crítica a quanto se faz no mundo para fechar-lhe os horizontes da vida.

A ressurreição como enxerto de energia divina na história, transfiguração definitiva da existência humana, garantia da vitória do indivíduo e da humanidade, plenitude efetiva da vida nova.

A ressurreição foi o seu tema preferido. Cultivar a alegria do amor de Deus e da segurança do triunfo do bem parecia-lhe o que mais convém a um educador de jovens: por isso apoiou, junto à “Via crucis”, a representação e a prática da “Via lucis”. Itinerário de meditação juvenil sobre a ressurreição. Por isso, quis uma “Colina das bem-aventuranças juvenis” na terra natal de Dom Bosco.

A partir do centro do mistério da morte e ressurreição, a sua reflexão trilha múltiplos percursos: Cristo modelo da nossa caridade pastoral, Cristo revelação do homem em quem inspirar o projeto educativo; Cristo fonte de onde brota a vitalidade da nossa consagração; Cristo energia de transformação dos jovens mediante a palavra educativa, os mistérios celebrados e a amizade testemunhadora do adulto.

Seus discursos sobre Jesus são vigorosos e vibrantes, profissões pessoais de fé, mais que lições. Merece ser ouvida uma de suas passagens: “Em Jesus se fez presente para sempre toda a Palavra. Ele é o homem novo, o Senhor da história, o centro e a fonte de qualquer ulterior dimensão profética, Cristo é o novíssimo absoluto da intervenção de Deus na transformação humana... a sua luz se poderá perceber, do interior das mentalidades culturais, o aspecto cristão de tantos temas de interesse atual: amor, solidariedade, libertação e justiça, verdade e consciência, senso de pecado, conflitos e perdão”.

- Agradecemos ainda porque *situou-nos no movimento vivo da Igreja*.

Sua adesão e conformação a Cristo levava-o a viver sempre mais profundamente inserido na Igreja, húmus dos carismas, espaço privilegiado do Espírito, sinal e instrumento da salvação. Considerou-a como sua Família, sua casa materna. Seguiu sua vida e acontecimentos, com alegria e fé, sem ingenuidade, mas também sem críticas inúteis às finalidades pastorais, consciente de seus limites humanos, mas também de sua dimensão divina; ponto de conjunção entre mistério de Deus e história do homem. Encontrara-a em suas viagens como fator indispensável de humanização além de portadora do senso de Deus.

Teve uma experiência singular de Igreja nas quatro sessões do Concílio. Viveu-as com intensidade como o acontecimento do Espírito em nosso século e narrou-as mil vezes, sem que o seu entusiasmo diminuísse. Sua colocação era sempre segundo uma expressão que lhe era habitual: “Na órbita do Concílio”.

Foi uma conversão teológica, cultural e pastoral, que marcou definitivamente sua mentalidade e seu ensino religioso. Nele inspirou as orientações doutrinárias e as iniciativas práticas da Família Salesiana, buscando discernir na oração, na meditação e no intercâmbio de experiências a renovação duradoura das modas passageiras.

Tocou com as mãos a vida da Igreja em seu empenho de comunhão, em suas missões dramáticas, na participação das três sucessivas conferências latino-americanas de Medellín, Puebla e Santo Domingo e dos Sínodos dos Bispos. Não considerava essa participação um privilégio pessoal, mas um dom de Deus para seus irmãos e irmãs.

O seu esforço e o seu sonho eram que não vivêssemos separados ou desinteressados daquilo que o Espírito realiza na comunidade cristã: os carismas, a santidade, os movimentos de evangelização, o diálogo da mentalidade cristã com os problemas da modernidade.

O senso de Igreja compreendia um afetuoso reconhecimento ao Papa pelo serviço de animação da comunidade cristã e uma adesão de fé ao seu magistério. Não era apenas critério de disciplina. Tinha-o como aspecto indispensável da caridade pastoral, que não pode ser concebida fora da comunhão e de seus pontos de referência. Considerava-o ponto irrenunciável da tradição salesiana. Justamente, porém, porque não ignorava suas dificuldades, iluminou-o com exemplos e motivações adequadas ao contexto atual.

- E agradecemos porque *nos indicou eficazmente em Maria Auxiliadora o ícone da nossa vocação à consagração apostólica*, orientado para fazer com que Cristo nasça no coração dos jovens mediante uma educação que se inspira na bondade e na ternura.

Abriu o seu período de governo com uma carta: "Maria renova a Família Salesiana". Foi uma inspiração que lhe veio numa sexta-feira santa, na contemplação de Nossa Senhora ao pé da Cruz. Começa com o singular convite: "Levemos Maria para casa", em nossas comunidades, mas também em nossos projetos pastorais, em nossa experiência espiritual, em nossos programas educativos. Nela via o modelo da plena disponibilidade a Deus e do serviço aos jovens, a imagem da Igreja em sua virgindade e maternidade.

A Auxiliadora é a Senhora dos grandes incios como na encarnação ou na revelação de Jesus em Caná; é a Senhora das horas pentecostais ou de renovação; é a

Senhora dos tempos difíceis. É o estímulo à audácia apostólica; a “começar” como Dom Bosco, mesmo sem a segurança de meios materiais, porque o Verbo nasce sempre virginalmente.

Em 1984 quis a entrega confiante da Família Salesiana a Nossa Senhora. Nela incorporou a Associação dos devotos de Maria Auxiliadora.

Uma página mariana conclui cada uma de suas cartas. Não é de estilo simples. Quem o relê hoje encontra aí o ponto de encontro dos três motivos que estão no centro da nossa vocação: Cristo, o homem, a Igreja.

As bem-aventuranças anunciam a plena realização de tudo isso pelo P. Egídio. Mas também a fecundidade histórica de quanto ele semeou entre nós, na pobreza, que é confiança em Deus, na pureza de coração, que é disponibilidade à voz do Espírito; na paz, que é serviço, comunhão e amor.

2.1. TRABALHAR JUNTOS: COLABORAÇÃO E CO-RESPONSABILIDADE NO CAMPO FORMATIVO

P. GIUSEPPE NICOLUSSI
CONSELHEIRO PARA A FORMAÇÃO

1. Um documento que nos questiona

A eficácia da formação inicial, – caminho que para nós salesianos dura ordinariamente uma dezena de anos e se realiza em várias comunidades, normalmente cinco ou seis, e não poucas vezes em inspetorias e nações diversas – depende em grande parte da convergência de intervenções, unidade de critérios, integração de aspectos fundamentais, continuidade no processo, etc. Projeto, comunidade, equipe, palavras que indicam estilo, capacidade, compromisso de agir organicamente, de “trabalhar juntos” no campo da formação.

Introduzo com essa afirmação uma reflexão simples e concreta, que tira sua oportunidade de um documento da Congregação para a Educação Católica: *“Orientações para a preparação dos educadores nos seminários”* (= Orientações), publicado em novembro de 1993.

O tema enfrentado é de particular atualidade em nível eclesial e na Congregação. O texto trata-o de modo direto e concreto, oferecendo elementos de análise e linhas operativas. Evidencia na primeira parte três aspectos da situação atual: escassez de educadores, crescentes exigências do compromisso educativo, iniciativas e experiências em ato. Seguem três partes dedicadas aos educadores: quem são, com quais cri-

térios escolhê-los, sua formação inicial e permanente. A quinta parte compreende as disposições operativas.

Brotam imediatamente do documento, – que deveria ser objeto de atenção por parte das comissões inspetoriais para a formação e em outros níveis – algumas *problemáticas que nos questionam*.

Por exemplo:

- Quais as iniciativas e experiências em ato na Congregação que visam a escolha, preparação, atualização dos formadores (diretores, mestres, diretores espirituais, professores, etc.)?
- As inspetorias têm uma linha política e uma programação que contemplam a qualificação, estabilidade, mudança do pessoal formativo?
- Que passos foram dados no campo da colaboração?
- Existem situações de excessivo fracionamento das comunidades formativas e dos centros de estudo, que impedem a concentração racional e a valorização adequada do pessoal qualificado?

Deixando essa problemática, certamente estratégica e urgente, refiro-me agora a *uma das insistências do documento*, que pode ser sintetizada na seguinte afirmação: uma vez que a ação formativa deve exprimir-se num projeto unitário, sendo fruto de colaboração, é necessário que aqueles que, por título diverso, intervêm nesse processo saibam atuar de modo convergente, sejam capazes de trabalhar juntos.

O “*trabalhar juntos*” na formação assume certamente níveis diversos:

- * “juntos” quer dizer, em primeiro lugar, ter como primeira referência a identidade vocacional, a base comum carismática, superando enfoques genéricos ou visões individuais;
- * “juntos” significa agir de forma orgânica, com base em projetos e itinerários a serviço de um processo unitário e unificador, vencendo o risco da fragmentação e da dispersão;
- * “juntos” quer dizer sentido de equipe, capacidade de colaboração, comunhão operativa, ação colegial que supere o individualismo de pessoas, papéis e separação das etapas.

Refiro-me agora a esse terceiro nível, relacionado estritamente com os outros dois, apelando a três pontos de necessária convergência e corresponsabilidade:

- a FSDB como primeiro ponto de referência para “trabalhar juntos”;
- a atenção e o confronto permanente com a realidade dos jovens em formação;
- a colaboração em nível local, inspetorial e interinspetorial.

2. A FSDB, primeiro ponto de referência para “trabalhar juntos”

Há quinze anos saía a primeira edição da FSDB e, cinco anos mais tarde, a segunda.

A *avaliação* da situação formativa feita pelo CG21 (1977-78) realçou a necessidade de insistir sobre a *unidade e continuidade do processo formativo*, ou seja, o conjunto dos elementos que o compõem e a sua convergência, o conjunto dos momentos que o constituem e a sua integração.

A assembléia capitular deliberou como *resposta estratégica*, que se elaborasse a “*Ratio*” com a finalidade de apresentar, numa visão global e orgânica, o conjunto dos princípios e normas, que regem a formação salesiana a nível mundial.

A FSDB visa primeiramente garantir a *unidade carismática*, a *organicidade projetual das intervenções e dos agentes* do processo formativo. Por essa razão o documento motiva toda a formação a partir da identidade salesiana, ponto unificador, e sublinha com senso vital e coerente os elementos comuns do nosso projeto de vida. Ao fazê-lo, mantém-se numa linha de orientações gerais e unitárias, aberto à diversidade das situações e, portanto, à contextualização, às exigências dos tempos, à constante avaliação e à renovação.

A FSDB coloca-se a serviço de uma *visão orgânica, salesianamente identificada*, dinâmica e diversificada da formação, que se prolonga nos *Diretórios inspetoriais*, cuja tarefa é aplicar à realidade local as orientações da “*Ratio*” e estabelecer o modo de atuar a formação segundo as exigências dos diversos contextos culturais (Reg. 87).

FSDB e Diretórios constituem a concretização daquela multiformidade *na unidade*, afirmada pelo texto constitucional: «O carisma do Fundador é princípio de unidade da Congregação e, por sua fecundidade, está na origem das maneiras diversas de viver a única vocação salesiana. A formação, portanto, é ao mesmo tempo unitária nos conteúdos essenciais e diversificada nas expressões concretas. Acolhe e desenvolve tudo o que as várias culturas contêm “de verdadeiro, nobre e justo”» (Const. 100).

É indispensável que os chamados, por título diverso, a “trabalhar juntos” na formação salesiana assumam *a Ratio como primeiro ponto de referência*, instrumento peculiar de identificação e de enfoque orgânico da experiência formativa, com ela se confrontem e nela baseados realizem as oportunas avaliações.

3. “Trabalhar juntos” escutando “a voz das culturas e dos jovens”

3.1. Atentos à voz das culturas e dos jovens

É importante referir-se à “Ratio” para realizar a formação em conformidade com as orientações da Igreja e da Congregação, mas não basta. A FSDB constitui a base e orienta a tarefa das comunidades inspetoriais a quem cabe a responsabilidade de atuar a formação segundo as exigências do próprio *contexto cultural*, escutando mais de perto *a voz das culturas e dos jovens* (Cf. Const. 101, FSDB 15-19).

O *campo educativo-formativo* é, pela própria natureza, um campo *em constante evolução e fortemente contextualizado*. Essa é uma constatação quotidiana para quem está atento à rica e complexa geografia da Congregação, como o demonstraram as visitas de conjunto que, na busca de uma formação salesiana sempre mais identificada, esclareceram problemáticas, sensibilidades e prioridades diversas.

A *realidade juvenil* é complexa e em mudança constante; experimenta-se a necessidade de promover uma pedagogia renovada, e a tarefa formativa torna-se mais difícil, mais necessitada de formação e qualificação contínua (Orientações 10).

É indispensável, pois, que os educadores-formadores assumam juntos o esforço de *confrontar-se* com a realidade juvenil e formativa, analisando a experiência dos indivíduos, o percurso dos grupos, o ambiente das comunidades, todo o processo e a experiência formativa em sua globalidade; critérios, valores, metodologia, etc..., para *conhecer e entender*, para *discernir e propor*, para *avaliar e renovar*. Exige-se por isso capacidade de escuta, de confronto-diálogo, de discernimento, de proposta.

3.2 Para enfrentar juntos a tarefa e os desafios da formação

Não faltam experiências interessantes nas inspetorias: comunidades, grupos de formadores, momentos de encontro tornam-se tempo de repensamento, renovação e re-projeção, “escola de formação permanente” para os próprios formadores.

Nessa perspectiva algumas inspetorias, inspirando-se no CG23, aprofundaram concretamente o tema: “*Formar os jovens para a vida salesiana: tarefa e desafio para a comunidade salesiana hoje*”. Interrogaram-se sobre a situação dos jovens, poucos ou muitos, com nome e sobrenome, que entram no processo formativo; a sua atitude diante do projeto de vida religiosa salesiana, suas expectativas e motivações, os desafios formativos mais urgentes, as razões da própria perseverança e o porquê dos abandonos...

Repensaram, portanto, a *relação entre essa realidade e a caminhada formativa*: ou seja, o ponto de partida, a introdução à experiência formativa; a proposta em sua globalidade, na especificidade dos diversos períodos, na gradualidade dos itinerários; a metodologia formativa; as áreas de atenção e alguns pontos críticos de maior relevo.

Daí surgiram os *compromissos operativos* para toda a comunidade inspetorial e para os formadores.

A fim de atuar como educadores na formação é imprescindível estar atentos a uma realidade em movimento, assumindo juntos o compromisso de refletir, rever, buscar e propor as respostas mais adequadas.

4. Trabalhar juntos: co-responsabilidade e comunhão em nível local, inspetorial e interinspetorial

4.1 Orientações do documento

Ao analisar a situação dos educadores, o documento da Congregação para a educação católica ressalta duas *exigências fundamentais*:

- a necessidade de promover uma *pedagogia mais dinâmica*, ativa, aberta à realidade da vida e atenta aos processos evolutivos da pessoa (Orientações 10); e
- a necessidade do *espírito de comunhão e colaboração* para desenvolver o projeto formativo: em outras palavras, unidade de espírito e ação entre todos os agentes da formação (Orientações 11).

O segundo aspecto comporta: atitudes de colaboração e mentalidade de equipe nos educadores, convergência para o projeto, unidade de critérios, capacidade de harmonizar as dimensões formativas.

Eis algumas afirmações tiradas do texto:

* É imprescindível dispor de *formadores-educadores* “animados de espírito de comunhão e colaboração, que tenham conhecimento das formas de trabalho em grupo, capazes de constituírem verdadeiras e próprias equipes educadoras, bem harmonizados e em colaboração fraterna” (Orientações 11).

* É preciso, portanto, escolher pessoas que “saibam empenhar-se num *projeto educativo comum*. As experiências demonstram de fato que sem um verdadeiro “trabalho de conjunto” (*teamwork*) não é possível fazer funcionar bem o seminário” (Orientações 11).

O princípio de comunhão “traduz-se numa pronta e fraterna capacidade de colaborar”; por isso, ao redor do *reitor*, primeiro responsável pela unidade de encaminhamento, projeção e condução criativa e prudente de relações e experiências, “os educadores devem ser capazes de convergir, sobretudo quando se trata de estabelecer ou salvaguardar a unidade do projeto educativo” (Orientações 30.43).

* A harmonização recíproca é importante em todas as áreas formativas sendo-o particularmente na adoção de *critérios de*

discernimento vocacional e nas *admissões* dos candidatos, com a finalidade de garantir a unidade entre todos os educadores, e especialmente entre aqueles que prestam serviço de direção espiritual e confesores (Orientações 30.44).

* Busque-se, portanto, *harmonia* entre *enfoque global*, *formação intelectual*, *estudos* e *experiências pastorais*, com uma ação convergente de formadores, responsáveis pela coordenação pastoral e professores. Nesse sentido é de particular relevo o critério formativo e o espírito de colaboração entre os professores das diversas disciplinas.

Até aqui o documento, que se refere primeiramente aos seminários diocesanos.

É evidente que a comunhão operativa indicada como condição indispensável para garantir a unidade da experiência formativa é ainda mais urgente para nós, dada a diversidade de comunidades, centros de estudo, formadores, contextos, etc., que marca todo o processo.

4.2 *Orientações concretas da FSDB para a colaboração em nível local, inspetorial e interinspetorial.*

É indispensável, para superar o risco de individualismo, setorialidade e fragmentação e para garantir as condições de uma experiência unificada, a convergência de todas as intervenções. Essa é uma exigência que brota da experiência quotidiana e que está fortemente presente na FSDB.

Recordo quatro *áreas dessa comunhão operativa*, apresentadas na “Ratio” de forma clara, concreta e detalhada, e que se referem aos *formadores*, à *comunidade local*, à *ação inspetorial* e *interinspetorial*.

* **Aos formadores** (todos os responsáveis pela formação e não só aqueles que se encontram nas comunidades de formação inicial):

A missão de formadores leva a:

- “programar juntos a vida da comunidade formadora de modo que ela convirja para os objetivos que lhe são próprios;
- constituir com o diretor um grupo convicto da responsabilidade comum e, por isso, empenhado na unificação dos critérios de animação e de avaliação” (FSDB 143).

Ao diretor corresponde o papel e a responsabilidade primária no amadurecimento da co-responsabilidade e do senso de equipe e na orientação de uma ação orgânica e projetual.

** Nas comunidades, entre as comunidades, com o conselho inspetorial:*

“No interior da comunidade (diretor, conselho, formadores, confesores) e entre as comunidades em continuidade de formação (pré-noviciado, noviciado, pós-noviciado, tirocínio) realizem-se encontros bem preparados para favorecer a unificação dos critérios de discernimento vocacional e de admissão, seguindo quanto indicado em ‘Critérios e normas de discernimento vocacional salesiano. Admissões’

A comissão inspetorial de formação favoreça encontros entre o conselho da comunidade formadora e o conselho inspetorial para esclarecer os critérios da avaliação vocacional” (FSDB 303).

Entre centro de estudos, comunidades e inspetoria:

“Garanta-se um relacionamento institucional entre centro de estudos, comunidade formadora e inspetoria onde estão inseridos. Esse relacionamento pode ser concebido sob forma de: ‘encontros periódicos’..., ‘órgão diretivo’...” (FSDB 266).

** Em nível interinspetorial:*

Para as comunidades formadoras (e centros de estudos).

“A colaboração interinspetorial (para as comunidades formadoras e os centros de estudos) deve traduzir-se numa real co-responsabilidade.

Criem-se, portanto, estruturas intermediárias (por exemplo o ‘curatorium’) em vista de uma eficaz participação das inspetorias interessadas para definir e rever a orientação da formação e para ir ao encontro das necessidades de pessoal e de meios” (FSDB 189).

Para um centro de estudos interinspetorial (‘curatorium’)

“Para que um centro de estudos destinado a várias inspetorias atinja suas finalidades, tem-se por necessária a criação de um ‘curatorium’.

Ele será formado pelos inspetores diretamente interessados, pelo diretor de estudos, pelo diretor da comunidade formadora e pelo administrador do centro de estudos ou do estudantado.

O ‘curatorium’ terá as seguintes competências:

- *determinar com clareza os direitos e deveres das inspetorias participantes,*
- *o papel que compete ao inspetor local e aos demais inspetores interessados;*
- *estabelecer de modo operativo a colaboração entre o centro de estudos e as inspetorias que o sustentam;*
- *manter ligação com o conselheiro geral para a formação;*
- *seguir convenientemente a atividade docente e formativa;*
- *deliberar sobre pessoal docente e estudantes, programação dos estudos, revisão do andamento de seus ex-alunos, iniciativas de formação permanente a serviço das inspetorias e da Igreja local;*
- *seguir as orientações e as normas da Santa Sé sobre os centros de estudos eclesiais*” (FSDB 265).

As orientações da FSDB, aplicadas com responsabilidade e flexibilidade às diversas realidades inspetoriais, contribuirão para aumentar a ação colegial dos formadores, sua capacidade de “trabalhar juntos” e, portanto, a unidade da experiência formativa.

É oportuno que as comissões inspetoriais para a formação, os conselhos inspetoriais e os “curatorium” façam uma *revisão* com base nos pontos aqui recordados e sirvam-se dos estímulos apresentados pelo documento sobre “a formação dos educadores”.

2.2. CARTA DE COMUNHÃO NA FAMÍLIA SALESIANA DE DOM BOSCO

P. ANTONIO MARTINELLI

*Conselheiro para a Família Salesiana e para a
Comunicação Social*

A palavra do Reitor-Mor

A apresentação mais apropriada da CARTA DE COMUNHÃO está nas palavras do Reitor-Mor colocadas como introdução ao texto, ofici-

alizado a 31 de janeiro de 1995, no final da Semana de Espiritualidade para a Família Salesiana. Reproduzo-a materialmente, porque estará na base da reflexão da presente breve intervenção.

“Caríssimos,

tenho a alegria de apresentar a CARTA DE COMUNHÃO aos Grupos da Família Salesiana de Dom Bosco.

Ela é fruto do trabalho de colaboração entre vários Grupos: trabalho longo e obrigatório para chegar a determinar os elementos fundamentais que constroem a unidade do espírito de Dom Bosco.

Desejou-se começar pela *alma* da Família.

O sentido de pertença a ela, mais que de regras externas, nutre-se da vitalidade do *espírito comum*, que irmana todos os membros dos vários Grupos.

Em cada pessoa e Grupo exige-se preocupação pelo espírito de Valdocco e de Mornese, aprofundamento e relançamento de quanto exprima a fecundidade das intuições espirituais do nosso Fundador.

O compromisso da busca em comum não acaba com a redação da CARTA DE COMUNHÃO. Ou melhor, gostaria de dizer que começa hoje, para levar a termo os horizontes que se abrem aqui e a partir de aqui.

Antes de tudo, a vontade de realizar operativamente o espírito salesiano. Vivemos num tempo em que a mudança rápida e contínua exige o reforçamento do *homem interior* em estilo apostólico para ser fiéis à vocação juvenil e popular. Devemos acrescentar aquele suplemento de energia que vem do alto exigido pela experiência.

Além disso, na CARTA DE COMUNHÃO repete-se, várias vezes, a necessidade de chegar a concretizações institucionais, que garantam um caminho pronto e compartilhado da Família salesiana, onde quer que a graça do Senhor a coloque.

Ainda deverão ser desenvolvidos os pequenos acenos a nível local, inspetorial, nacional e regional sobre algumas estruturas de comunhão fraterna. Renova-se, então, o empenho dos Grupos de não se deterem no caminho iniciado.

Dom Bosco ainda tem muito para ensinar a todos os seus filhos. A Auxiliadora, grande mestra das origens e nossa guia segura, acompanha e garante os nossos esforços.

Uma cordial saudação do Sucessor de Dom Bosco, que convosco olha confiante para o lançamento da grande herança do Fundador nos horizontes do terceiro milênio”.

Até aqui as palavras do Reitor-Mor.

Percorrendo a história dos últimos anos

Anos atrás, o Reitor-Mor P. Egídio Viganò e o P. Giovanni Raineri conselheiro geral para a Família Salesiana desejaram um instrumento que marcasse o caminho de mais profunda comunhão entre os Grupos componentes da Família Salesiana. A idéia tomara corpo após o esclarecimento da identidade que os Grupos tinham vivido pela renovação e aprovação das Constituições. Salesianos de Dom Bosco, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores Salesianos, Voluntárias de Dom Bosco já tinham o texto fundamental e definitivo na revisão que se seguiu ao Concílio Vaticano II.

Outro acontecimento tinha acelerado o assunto: as celebrações de 1988 e a carta do Papa João Paulo II, *Iuvenum Patris*, que no número 5 falava de Dom Bosco como “iniciador de uma verdadeira escola de nova e atraente espiritualidade apostólica”.

P. Sergio Cuevas sucedendo ao P. Giovanni Raineri no dicastério para a Família Salesiana, dirigiu aos especialistas do mesmo Dicastério, um pedido oficial para que elaborassem um texto “em vista dos Grupos atuais e futuros da Família Salesiana”. Caminha-se, assim, de entendimento com o Reitor-Mor e a Madre Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, Marinella Castagno.

A 16 de janeiro de 1990, presentes o P. Joseph Aubry (redator do primeiro esboço), a Ir. Maria Collino e Paolo Santoni (então Coordenador Geral dos Cooperadores Salesianos) foi apresentado o primeiro projeto-base com o significativo título: REGRA COMUM SALESIANA.

O trabalho continuou ainda por três anos: de 92 a 94. Finalmente, em janeiro de 1995, solenidade de São João Bosco, o Reitor-Mor promulga o texto, entregando-o a todos os Grupos, que foram chamados a torná-lo operacional nos diferentes contextos de vida e de ação.

Algumas novidades de perspectiva entre 1990 e 1995

Alguns esclarecimentos e mudanças importantes aconteceram na fase de elaboração do texto.

Antes de tudo o *título*: de ‘regra comum’ tornou-se ‘carta de comunhão’. Não se trata de simples mudança de palavra, mas de perspectiva. Falar de ‘regra’ parecia realizar uma operação que extrapolava o trabalho de um dicastério. Deveriam sentir-se envolvidos de maneira mais direta, responsável e decisória, os órgãos supremos de cada Grupo. Parecia, no estado atual das coisas, que não fosse um caminho percorrível. Essa possibilidade não foi excluída, mas não se quis saltar etapas.

‘Carta de comunhão’ queria fazer pensar nos grandes critérios que orientam as opções concretas, nas afirmações fundamentais que de alguma forma dão a razão da vida e da ação, nos direitos-deveres reconhecidos e observados no crescimento de cada um na linha dos próprios dons. Não se trata de um termo redutivo. É diverso no horizonte em que se coloca.

A *articulação* não podia deixar de se ressentir com a mudança do título, e torna-se por isso funcional à comunhão, desejada como eixo do documento. Pode-se afirmar que, no novo texto, a comunhão é horizonte, instrumento, pedagogia de caminhada e de crescimento da Família Salesiana de Dom Bosco. Em alguns momentos a leitura poderá dar a impressão de repetições. Na verdade, não se trata de repetições, mas de novas acentuações e de aspectos complementares que, em conclusão, manifestam o desígnio completo da comunhão evangélica vivida no estilo de Dom Bosco.

Parece-me útil insistir numa terceira novidade, porque se coloca no plano do *método*. E, para nós, a metodologia tem sempre grande valor, sentindo-nos e reconhecendo-nos educadores.

Chegamos ao texto após muitas elaborações e redações. Os representantes centrais dos diversos Grupos da Família Salesiana reuniam-se a cada redação para fazer suas observações e enriquecê-la. Esse modo de agir comportou três anos de reflexão e aprofundamento. Os Conselhos Gerais dos vários Grupos também foram envolvidos no processo. A mesma experiência de trabalho era banco de prova da comunhão. A escuta da experiência de cada Grupo fez descobrir as riquezas de comunhão que se vive na Família de Dom Bosco.

Uma correlação ideal:

do Capítulo Geral Especial dos SDB 1971

ao Simpósio sobre Dom Bosco Fundador da Família Salesiana 1989

A CARTA DE COMUNHÃO 1995

A primeira preocupação foi a de reunir todo o rico patrimônio expresso a partir dos anos de renovação conciliar por parte dos Grupos centrais da Família de Dom Bosco. Em concreto, referimo-nos sempre principalmente aos Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores Salesianos e Voluntárias de Dom Bosco, e às suas reflexões.

O material re-elaborado na CARTA DE COMUNHÃO era formado pelos Simpósios de 1982 e 1989, organizados pelos Conselheiros gerais para a Família Salesiana, respectivamente P. Giovanni Raineri e P. Sergio Cuevas, que tinham como temas ‘Construir juntos a Família Salesiana’, o primeiro, e ‘Dom Bosco Fundador da Família Salesiana’, o segundo, e as várias cartas circulares do P. Egídio Viganò, que levou em consideração o conjunto da Família e o específico de cada Grupo.

Se o leitor procurar ‘novidades’ absolutas no documento preparado, ficará desiludido, porque encontrará somente coisas conhecidas e sabidas. E não podia ser diversamente, pois quisemos fazer uma colheita de quanto partilhado por todos, e não um texto de pesquisa, como se fosse uma tese de láurea. A novidade poderá ser que, de agora em diante, tenhamos um novo estímulo para fazer quanto já conhecido.

As novidades, além do mais, estão na história futura, enquanto a CARTA DE COMUNHÃO abre novas janelas, possibilidades de novos caminhos, desenvolvimento de algumas instituições, institucionalização de organismos e instrumentos aptos a incrementar a unidade carismática.

O texto refere-se, desse ponto de vista, a todos os Grupos, pois cada um encontra-se designado nele como 'salesiano'. Interessa de maneira toda especial aos Salesianos de Dom Bosco em força do artigo 5 de nossas Constituições, onde se assinalam nossas particulares responsabilidades e, em primeiro lugar, a preocupação pela unidade do espírito. O apelo aqui contido coloca os Salesianos diante de obrigações inderrogáveis de animação e acompanhamento dos Grupos, para que vivam internamente e expressem externamente a 'fisionomia espiritual' de ser Família de Dom Bosco. O Reitor-Mor fala em sua apresentação que 'se desejou começar pela alma'. Trata-se aqui igualmente a animação do salesiano e a qualidade dos Grupos.

A função da 'espiritualidade' na comunhão da Família salesiana

A comunhão tem muitos modelos possíveis. A CARTA DE COMUNHÃO opta particularmente por um deles, que pode ser expresso com uma imagem: todos os Grupos estão empenhados na caminhada de profundidade (que corresponde à identidade) e de co-responsabilidade recíproca (que corresponde à fidelidade carismática).

Diz o artigo 35 do documento: "O fato de pertencer à Família para compartilhar entre muitos as mesmas riquezas espirituais não diminui os valores e a originalidade de cada Grupo. A fraternidade não apaga mas reforça a identidade. Assim também as situações concretas das pessoas e sua colocação eclesial são confirmadas, vivificadas e enriquecidas.

Dom Bosco unifica, com a energia de seu carisma, na harmonia de uma única família apostólica o religioso, o leigo, o casado, o viúvo, o celibatário, o padre, testemunhos diferentes do espírito das bem-aventuranças. Não tira de ninguém a própria e específica espiritualidade sacerdotal ou laical, ou religiosa.

O carisma de Dom Bosco é uma energia superior e global que marca de per si a existência e assume e hierarquiza as espiritualidades individuais, especificando-as e robustecendo-as.

A comunhão é o fruto mais maduro da identidade carismática, da autonomia organizativa, da expressão das originalidades de grupo, do enriquecimento recíproco e generoso com os valores de todos. Por isso a comunhão permanece sempre a meta única da Família Salesiana para viver seus valores com a máxima intensidade”.

A afirmação é importante porque indica ao Salesiano de Dom Bosco as modalidades de sua intervenção e relacionamento com todos os Grupos da Família; além disso, porque exprime de forma clara e com força a todos os Grupos a exigência de viver em profundidade e fidelidade os dons específicos e originais do Grupo enquanto busca convergência com todos os demais Grupos.

Considerar o ‘espírito salesiano’ como ponto de convergência salva e garante a autonomia na comunhão, a comunhão na diversidade.

A CARTA DE COMUNHÃO coloca-se, pois, como estímulo para reconsiderar ‘os traços característicos da fisionomia salesiana’, e aprofundar as riquezas da experiência espiritual salesiana, a entrar em diálogo com todos os Grupos nesse nível interior e espiritual. Se a CARTA atingir o objetivo do crescimento comum e compartilhado no espírito salesiano não terá sido inútil, um documento a mais, mas destituído de força renovadora.

É de se desejar que todos os Salesianos (e nesse caso refiro-me a todos os que se inspiram no carisma de Dom Bosco) valorizem-na também nas relações apostólicas, completando o que não é expresso no documento.

Entendo chamar a atenção para o artigo 37 do texto, que diz:

“(…) A unidade é sustentada e incrementada em nível regional, nacional, inspetorial e local por conselhos e consultas. Para garantir uma normalidade vital à Família salesiana, parece indispensável não confiar-se somente à boa vontade dos responsáveis pela animação e governo de cada Grupo nos diferentes níveis.

Muitas vezes as dificuldades práticas do trabalho apostólico e das relações inter-pessoais e de grupo escondem a exigência e a urgência da fraternidade organizada em estruturas.

A definição de estruturas possíveis deverá ser objeto de uma nova atenção reflexão a ser partilhada entre todos os grupos da Família salesiana”.

A espiritualidade da comunhão se ressente de alguns sustentos concretos e organizados. Defini-los ajuda a própria comunhão. Ela é, sem dúvida, dom do Espírito. É fruto do robustecimento do homem interior. Brota da caridade pastoral que faz de Cristo Bom Pastor o centro do empenho salvífico. Não seja excluída, porém, a parte que a organização da comunhão também pode desenvolver. Somos todos convidados então a ultrapassar as orientações da CARTA. Há ocasião para nova estação de reflexão e aprofundamento do espírito salesiano!

Um olhar ao índice da CARTA DE COMUNHÃO

As poucas anotações feitas até o momento e outras que seguirão têm a finalidade de despertar o desejo de ter o texto em mãos para conhecê-lo, reconhecer-se nele, aplicá-lo, vivê-lo.

Os cinco capítulos que o integram seguem uma estrutura lógica muito simples. A comunhão na Família salesiana é uma graça (capítulo primeiro), que se torna participação desejada (capítulo segundo), por meio da realização do espírito salesiano (terceiro capítulo) e da formação para a comunhão (capítulo quarto), e pelo serviço recíproco (capítulo quinto).

O que logo se evidencia é o amplo espaço dedicado ao espírito salesiano, descrito no capítulo terceiro. Esse capítulo merece um momento de atenção por algumas originalidades particulares.

Considerando a divisão em duas amplas partes (A. *‘Palavras particularmente significativas de Dom Bosco’* e B. *‘Elementos fundamentais do espírito comum’*) deve-se superar, antes de tudo, a impressão de repetição, embora reconhecendo que existem alguns retornos, também úteis quando se trata de insistir sobre pontos particularmente importantes.

A parte A. *Palavras particularmente significativas de Dom Bosco*”, evidentemente no âmbito do espírito salesiano, *apresenta o que Dom Bosco viveu*. A experiência do Fundador podia ser condensada numa reflexão racional ou podia ser apresentada conservando a vivacidade das origens, ou seja, as ‘palavras’ que brotaram do coração de Dom

Bosco. Foi escolhido esse segundo caminho. O fato de ouvir de novo ‘a voz’ do Pai empenhará na revisão da ressonância e da fidelidade no interior dos Grupos, a fazer um esforço de compreensão ligado ao tempo e à cultura, mas ao mesmo tempo à projeção no hoje. Isso tudo não foi um trabalho feito por uma pessoa para os demais, mas cada um foi chamado a realizá-lo em primeira pessoa.

É importante notar que as palavras escolhidas exprimem o que Dom Bosco viveu constantemente, uma vida como experiência de Espírito Santo, e como iniciação de um ‘mestre’ de espiritualidade em sua peculiar leitura do Evangelho de Jesus Cristo.

João Paulo II com sua carta *Iuvenum Patris* deu-nos um modelo de leitura em sintonia com quanto é re-apresentado pela CARTA DE COMUNHÃO.

Convido, enfim, os Salesianos SDB a se referirem à abundante literatura salesiana que comenta cada palavra de Dom Bosco. Muitas cartas circulares do Reitor-Mor, P. Egídio Viganò, levaram em consideração ‘significativas palavras’ de Dom Bosco.

A parte B. “*Elementos fundamentais do espírito comum*”, individualiza alguns aspectos, partilhados por todos os Grupos, onde pode ser *concentrado* o espírito salesiano. Tudo gira ao redor dos grandes valores da vida salesiana: Deus, Cristo, Igreja, Maria, Jovens e Povo.

Essa opção facilitou o discurso *apostólico* do nosso espírito e da comunhão carismática salesiana. “Caridade é o nome do amor de Deus, ou melhor, Deus mesmo. Ela é exigida aos discípulos do Senhor como distintivo de reconhecimento de que Deus guia seus pensamentos, suas ações, a vida inteira. É o centro de toda vida cristã e evangélica, porque sustenta e orienta toda forma de apostolado.

No estilo de Dom Bosco ela especifica-se em algumas características:

- é paixão apostólica animada pelo ardor juvenil: chamamo-la também de coração oratoriano;
- é fervor, zelo incontido, busca de intervenções novas para a salvação dos jovens;
- é participação na missão de Jesus bom pastor;
- é inspiração que encontra sua fonte em Pentecostes, na presença e ação do Espírito de Deus;

- é solicitude que encontra em Maria um exemplo rico de entrega de si;
- é o exato contrário da mediocridade(...)” (cf. artigo 18 da CARTA DE COMUNHÃO).

A partir desse horizonte a comunhão enxerta-se na missão. Esta última encontra na comunhão sua força e sua eficácia. A comunhão em estilo salesiano, por outro lado, é revista pela capacidade de pôr-se a caminho a fim de alargar o círculo da comunhão. As duas realidades, os dois valores chamam-se reciprocamente na sensibilidade salesiana, dizem-se respeito, enriquecem-se, completam-se. Foi assim com Dom Bosco, como é hoje para nós a sua escola.

Um dom a incrementar

A última reflexão que o texto da CARTA DE COMUNHÃO me oferece é a seguinte. É necessário passar do documento à vida, do papel (*‘carta’ no original, ndt*) à experiência. Para isso, indico quatro passos indispensáveis que todos os Grupos, Salesianos SDB à frente, devem dar.

1º passo: a comunhão como dom divino e como fato.

É preciso perceber, antes de tudo, o aspecto primeiro e mais profundo da comunhão como tal: especial ligação espiritual, dom de Deus. É a presença do Espírito do Senhor que mantém unidos todos os membros da Família salesiana. E os mantém unidos de maneira permanente, mesmo quando não pensam nisso, quando nada realizam para exprimi-la, quando fazem algum gesto que possa rompê-la. A comunhão em sua raiz não é obra nossa. É dom de Deus. Existe objetivamente. É uma realidade *espiritual*. Estamos de fato unidos entre nós.

2º passo: a comunhão como percepção do coração.

O primeiro esforço a ser feito é, pois, tomar consciência da realidade que nos precede. Em seguida nos esforçamos por vivê-la. A comunhão é vivida primeiramente no coração: sentir-se ‘com’, perceber a si mesmo, como pessoa e como grupo, como unido a todos os demais,

sentir-se continuamente ligado a todos os outros na participação dos mesmos valores profundos. Se a palavra não parecesse exagerada, poder-se-ia dizer que é preciso viver *uma espécie de comunhão salesiana dos santos*. Trata-se de experimentar um modo de pensar, sentir, ver os outros como irmãos e irmãs, estimá-los e amá-los, primeiramente, por dentro. Caso falte essa percepção do coração, tudo o mais que possa ser pensado e organizado não chegará à justa e necessária profundidade. Serão gestos superficiais.

3ª passo: a comunhão como enriquecimento recíproco.

A comunhão-dom e a comunhão-consciência de conjunto procuram mil ocasiões para tornar-se comunhão-em-ação. Ou seja, procuram as relações inter-pessoais e de grupo, o diálogo sobre as realidades de Família, o dom de si. A interioridade procura o visível. O dom se faz entrega. A caridade se organiza. A unidade dada quer tornar-se unidade expressa e partilhada. E aqui entram em jogo todas as riquezas do espírito salesiano: senso de acolhida, confiança mútua, estima recíproca, simplicidade das relações, afeto profundo, liberdade de filhos e de irmãos, generoso apoio mútuo, alegria do serviço...

4ª passo: a comunhão como comunicação e colaboração.

Chega-se, assim, aos momentos operacionais. A comunhão não põe na boca apenas palavras justas no momento justo (é o aspecto da comunicação), mas enche o coração de empenhos oportunos no momento oportuno (é o aspecto da colaboração). É necessário fazer-se discípulos da comunhão.

O caminho da CARTA DE COMUNHÃO é longo: é preciso pelo menos iniciá-lo para que haja confiança de completá-lo.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

O Reitor-Mor passou os últimos meses quase inteiramente na Clínica, acompanhado – além dos médicos – também dos irmãos (particularmente o diretor da casa geral, os dois secretários, o enfermeiro e os membros do Conselho presentes em Roma), das Filhas de Maria Auxiliadora (sobretudo no período de internação na Clínica “Sacra Famiglia”, próxima ao noviciado FMA de Monte Mario) e das Filhas dos Sagrados Corações na UPS.

Foi um alternar-se de esperanças pelos sinais de melhora, atestados pelos boletins médicos, sobretudo após a cirurgia, mas também de temores vendo o prolongar-se da situação.

Internado uma primeira vez de 23 de fevereiro a 4 de março para exames aprofundados de diagnósticos, após um breve retorno à Casa Geral (com um período de alívio das dores) foi levado de novo à Clínica “Villa Flaminia” onde se submeteu – no dia 18 de

março – a uma intervenção neuro-cirúrgica na coluna vertebral.

A intervenção afastou as fortes dores, dando certo alívio ao Reitor-Mor, mas a recuperação funcional revelou-se difícil. Por isso, depois de um tratamento médico pós-operatório, foi transferido à Clínica “Sacra Famiglia”, dos Camilianos, especializada em recuperação funcional, para submeter-se a uma intensa terapia física.

Foi significativa a celebração da festa de Nossa Senhora Auxiliadora com uma concelebração na Capela da Clínica, alegrada pela oração e pelo canto das noviças FMA, participada pelo Reitor-Mor que desejou fazer a sua saudação com algumas palavras cheias de otimismo salesiano.

Deram-se sinais de recuperação, pelo que, julgando-se não mais necessária a permanência continuada no hospital, no sábado 10 de junho foi levado à enfermaria da UPS, acolhido com grande amor pelos irmãos e pelas Filhas dos Sagrados Corações. Ali

teria transcorrido um período de acompanhamento, devendo ainda ir periodicamente à Clínica para completar a terapia.

Infelizmente, porém, o mal caminhava rapidamente, e apenas poucos dias depois da chegada à UPS, manifestaram-se claramente sinais devastadores sobre vários órgãos vitais e sobre o próprio coração, com um forte agravamento das condições gerais.

Levado de novo à Clínica, de nada valeram os cuidados médicos. Foi-lhe administrado o Sacramento da União dos Enfermos pelo Vigário P. Juan Vecchi, presente o Conselho Geral. No dia 21 retornava à Casa Geral e, após dois dias de sofrimento, assistido pelos seus dois irmãos salesianos, P. Angelo e P. Francesco, e pelos irmãos do Conselho e da Casa, confortado pela visita de muitos da Família Salesiana, expirava serenamente nas primeiríssimas horas (pela uma da madrugada) de 23 de junho, solenidade do Sagração do Coração. Na tarde do dia 21 tinha recebido o conforto e a bênção do Santo Padre, que o chamara e lhe falara por telefone.

4.2 Crônica dos Conselheiros

O VIGÁRIO DO REITOR-MOR

O Vigário do Reitor-Mor presidiu, de 4 a 11 de fevereiro de 1995, a *visita de conjunto* às presenças salesianas da África de língua francesa e portuguesa em Abidjan. E, na semana seguinte, fez o mesmo em Nairobi, para as regiões de língua inglesa.

Na Venezuela, de 22 de fevereiro a 1º de março, pregou os Exercícios Espirituais a um bom grupo de irmãos, entre os quais todos os diretores, por ocasião do centenário da presença salesiana.

A partir dessa data até o início da sessão plenária do Conselho, permaneceu na Casa Geral. Entretanto, durante o mês de março fez a Visita Canônica Ordinária à comunidade da Casa Geral; apresentou algumas contribuições em cursos de Formação Permanente das Irmãs Hospitaleiras (7-9 de março) e dos Padres Rogacionistas (20-21 de março); teve também um encontro com os membros da Família Salesiana.

Substituindo o Reitor-mor, participou no final do mês, das celebrações do centenário da obra

salesiana na Galícia (Espanha-León), iniciadas em Vigo.

No final de abril foi de novo à Espanha para o 10º encontro nacional dos oratórios-centros juvenis para apresentar aos jovens animadores o tema: “*Centro juvenil, um estilo de vida*”.

De 12 a 16 de maio foi à Hungria onde, além de ter presidido a concelebração de inauguração da igreja de Obuda, participou com as FMA e seus colaboradores e jovens da festa de Madre Mazzarello. Visitou diversas obras, entre as quais a escola de Kazincbarcika.

A 19 de maio visitou o Curso de Formadores realizado na UPS e no dia seguinte, em Trento, participou da bênção da Casa e da abertura oficial do pensionato para universitários, com uma relação sobre “*O porquê dos pensionatos universitários com caráter educativo*”. Estava em Turim no dia 24 de maio para tomar parte da festa de Maria Auxiliadora.

O Conselheiro para a Formação

Durante o mês de fevereiro, o Conselheiro para a Formação par-

ticipou das duas *visitas de conjunto* realizadas na África, em Abidjan de 5 a 11 e em Nairobi de 12 a 18. Nos dois encontros tratou-se com particular atenção, neste momento de revisão e consolidação, da situação da formação inicial e da formação permanente. A notar nas conclusões a preocupação pela qualidade da formação e a importância dada à preparação imediata ao noviciado, tirocínio, formação do salesiano coadjutor com menção explícita do pós-tirocínio.

De 18 a 28 de fevereiro visitou as comunidades de formação inicial da Visitadoria da África Leste (AFE): dois pré-noviciados, noviciado e pós-noviciado e a comunidade para a formação presbiteral.

O mês de março foi marcado pelo contato com a realidade formativa em duas nações onde a vida salesiana enfrenta, em contextos diversos, um período novo e de especial importância: na Hungria de 11 a 17 de março e na Polónia de 25 de março a 3 de abril. Nesta última nação para um encontro com os delegados inspetoriais e representantes das comunidades de formação das

quatro Inspetorias, com a finalidade principal de intensificar a comunicação, coordenação e colaboração em nível nacional, e para um sucessivo encontro com os Inspetores.

De 16 de abril a 6 de maio colaborou na visita extraordinária da Circunscrição de Turim (ICP), visitando três comunidades empenhadas na formação inicial: Valdocco-Domingos Sávio (preparação ao noviciado e pós-tirocínio para salesianos coadjutores), Pinerolo-Monteoliveto (noviciado), Turim-Crocetta (estudantado teológico).

De 11 a 21 de maio fez uma visita de contato e animação à Inspetoria de São Francisco (USA), que não pode ter a visita extraordinária programada para este ano devido à longa e mortal enfermidade do Conselheiro regional P. Martin McPake.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

De 5 a 11 de fevereiro, P. Van Looy participou da *visita de conjunto* dos países de língua francesa e portuguesa da África, em Abidjan, e de 12 a 18 de fevereiro à dos países de língua inglesa da

África, em Nairobi. Após uma brevíssima pausa, partiu para a Índia, onde fez a *visita extraordinária* à Inspetoria de Guwahati, nordeste do País, de 21 de fevereiro a 25 de maio.

Nesse período, percorreu os 4 estados de Assam, Meghalaya, Mizoram e Tripura, totalizando 224 horas de estrada feitas em ambulância e cobrindo 4.696 quilômetros. O uso da ambulância era motivado pela necessidade de evitar eventuais bloqueios de estrada ou greves. Embora isso aconteça com frequência naquela região devido à luta pela independência dos estados e para reivindicar direitos tribais, no período em que o P. Van Looy viajou não houve problemas. Ele pôde admirar o trabalho sacrificado dos missionários, aproveitando também da viagem para contemplar a beleza das montanhas no Meghalaya e Mizoram e da grande planície assamense com plantação de chá.

A Inspetoria conta com 320 irmãos e 25 noviços, muitos deles ativos em zonas propriamente missionárias. São 128 os que se encontram em formação mais os 25 noviços. A idade média dos irmãos no dia 28 de fevereiro era de 41,5 anos de idade.

O nordeste da Índia é habitado por muitas tribos diversas, e as religiões são originariamente animistas. Isso explica o grande progresso das Igrejas cristãs naquelas terras, mais que na parte hindu da Índia. Também as vocações salesianas são de origem variada. São sempre menos os missionários europeus; um belo grupo de missionários é de origem Keralense (sul da Índia), mas nos últimos anos crescem com força as vocações das várias tribos. Já são 54 os salesianos Advasi, 53 Khasi, 11 Garo, 8 Bodo, 3 Mizo, 2 Karbi, 2 Santali e 1 Tripuri.

A Inspetoria é decididamente missionária, voltada à primeira evangelização. Quando os salesianos entraram no então Assam havia 5.000 católicos ao todo; agora são um milhão, em 9 dioceses. Dos 9 bispos, 5 são salesianos. A metodologia missionária privilegia a educação dos jovens; por isso existe na Inspetoria um conjunto de 684 escolas, com 1.585 professores, 27.715 alunos e 2.662 internos. Nos últimos anos a Inspetoria entrou pela primeira vez nos estados de Mizoram e Tripura, distantes vários dias de viagem do centro da

Inspetoria. Nesses lugares distantes a presença dos irmãos é como novo oxigênio para o apostolado.

Durante a visita, o Visitador reuniu diversos grupos de irmãos em dois dias de reflexão. Dessa forma foram encontrados todos os coadjutores, os sacerdotes de até dez anos de missa, os diretores das escolas. Finalmente, o P. Van Looy pregou os Exercícios Espirituais para os membros do Capítulo Inspetorial.

P. Van Looy concluiu a visita extraordinária recebendo a primeira profissão religiosa dos 17 novícios (16 clérigos e um coadjutor) e a profissão perpétua de oito irmãos. Pode ver nessas celebrações a estima do povo pela Congregação e a vitalidade da Inspetoria.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

1. FAMÍLIA SALESIANA

Foram estas as iniciativas que empenharam o Conselheiro no período em exame:

1. Em nível central:

— de 26 a 28 de maio, encontro com os responsáveis centrais dos Grupos da Família Salesiana so-

bre o tema: *Família Salesiana e missão salesiana*. Iniciou-se com os representantes de muitos dos Grupos oficialmente reconhecidos a reflexão sobre esse tema com a finalidade de chegar, num futuro próximo, à participação de critérios e empenhos operativos.

- de 28 a 31 de maio, *seminário de estudo* com representantes dos grupos da Família Salesiana sobre o tema: *animação pastoral e espiritual* dos grupos da FS e presença do *sacerdote ordenado*.

Foram convidados os Grupos que, no Capítulo Geral 21, enviaram a própria mensagem aos Salesianos: Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores, Voluntárias de Dom Bosco e Ex-alunos.

A reflexão foi introduzida por alguns especialistas, com amplo espaço de discussão: foram enviados pela UPS os PP. Riccardo Tonelli, Angelo Amato, Emilio Alberich; pelo *Auxilium*, participou a Ir. Enrica Rosanna; pela Casa Geral foi enviado o P. Pasquale Liberatore.

2. *Visita de animação à Inspetoria Checa:*

de 5 a 12 de março, encontros de animação com os vários grupos da Família Salesiana existentes na

Inspetoria. Particularmente VDB, CCSS, FMA, EEAA verificando com cada Grupo a situação de vitalidade e os projetos de futuro.

Os encontros foram concluídos com a reunião do Conselho Inspetorial para considerar os problemas relacionados com a FS.

3. *Participação na jornada da Família Salesiana da Inspetoria da Itália Meridional:*

nos dias 18-19, a Família Salesiana inspetorial refletiu sobre o tema *Leigos e intuições de Dom Bosco*, com a presença de 150/170 membros dos diversos grupos da FS.

4. *Visita de animação à Inspetoria de Manaus:*

de 22 a 30 de março, encontros de animação com os vários grupos da Família Salesiana existentes na Inspetoria, particularmente com CCSS, FMA, VDB. Como conclusão, um encontro com o Conselho Inspetorial para rever o empenho concreto no setor da FS.

Pode ser considerado momento de animação da Família Salesiana o Curso de *exercícios espirituais* aos Irmãos Diretores da Inspetoria de *Guadalajara* (México), que pediram uma refle-

xão à luz do empenho em vista do próximo CG24.

II. COMUNICAÇÃO SOCIAL

A ocasião oferecida pelos encontros anteriormente elencados foi utilizada também para animar sobre o tema da comunicação social.

- O tema foi objeto de revisão e reflexão de maneira direta e explícita na *Inspetoria de Praga*.

- A Editora PORTAL, *Inspetoria de Manaus*, quis fazer uma primeira revisão para orientar-se quanto ao seu trabalho no futuro. Hoje, ela se responsabiliza pela publicação de algumas revistas litúrgicas e juvenis, produz anualmente alguns títulos 'originais', coordena algumas publicações e serve-se de uma tipografia anexa que conta com numerosos operários embora tenha um maquinário um tanto obsoleto.

O Inspetor, interessado na formação de irmãos no campo da comunicação social e desejando empenhar a Inspetoria de modo qualificado nesse setor, preparou oportunos encontros com aqueles que já atuam no campo. A perspectiva foi a de preparar um projeto educativo pastoral que não transcure a comunicação social.

NB. Os dois temas da Família Salesiana e da Comunicação Social tiveram espaço de reflexão e de revisão nas duas *visitas de conjunto* de que o Conselheiro participou:

- em Abidjan, de 5 a 11 de fevereiro de 1995,
- em Nairobi, de 12 a 18 de fevereiro de 1995.

O tema central colocado na ordem do dia sobre *o processo de inculturação na África* examinou diretamente as perspectivas possíveis da Família Salesiana naquele Continente. Tratar do tema Comunicação Social foi consequência obrigatória em contexto de inculturação.

III. PREPARAÇÃO DO CG24

Coloque-se juntamente com os trabalhos de animação da Família Salesiana e da Comunicação o trabalho do P. Antonio Martinelli como Regulador do CG24.

1. *O trabalho ordinário de preparação* exigiu:

- comunicação com as várias Inspetorias para resolver problemas jurídicos encontrados no desenvolvimento das várias fases do Capítulo Inspetorial;

- estímulo para a preparação de estrutura informática nas várias Inspetorias do mundo. Perceberam-se algumas dificuldades quanto aos aspectos de desconfiança, problemas sociais e políticos, dificuldades de pessoas, etc. No conjunto, porém, chegou-se a bom resultado, uma vez que até o momento quase dois terços das Inspetorias já se equiparam conforme as indicações dadas;

- preparação de alguns instrumentos operativos a serem utilizados no CG24: para o melhor conhecimento de todos os participantes; para o processo de discernimento em vista das eleições dos Superiores Gerais; para a participação dos leigos no CG; para a participação mais ativa de todos os capitulares considerando as línguas; etc.

2. *Constituição da Comissão Pré-Capitular.*

Providenciou-se a formação da Comissão Pré-Capitular (cf. a lista dos irmãos no n. 5.2 deste número dos ACG). O tempo de trabalho previsto para a essa Comissão é de 15 a 30 de setembro de 1955. Poderá prolongar-se se necessário por uma semana para completar os trabalhos.

3. *Exercícios espirituais do CG.*

Foi escolhido o nome do *pregador* para os Exercícios espirituais durante o CG24: P. Guido Gatti, da UPS.

4. *Convite oficial às Voluntárias de Dom Bosco* para uma contribuição própria ao CG24.

Apresentamos parte da carta enviada pelo Regulador:

“Salesianos e leigos é o tema geral para o CG24. Ficando nessa ótica, as VDB poderiam fazer uma reflexão sobre: *Carisma salesiano e contribuição original da mulher ao carisma de Dom Bosco*.

A originalidade a que me refiro é dupla:

- a presença da mulher no carisma salesiano;
- a presença da mulher que tem como vocação a vertente ‘mundo e século’ e o carisma salesiano”.

O Conselheiro para as Missões

O P. Luciano Odorico iniciou suas atividades do semestre participando das duas *visitas de conjunto* de Abidjan (5-11 de fevereiro de 1995) para a África de língua fran-

cesa e portuguesa, e de Nairobi (12-18 de fevereiro de 1995) para África de língua inglesa.

Coube-lhe, como Coordenador do Projeto África, preparar e coordenar os dois encontros continentais. A participação e o espírito dessas visitas foram decididamente positivos porque se chegou a uma síntese já madura sobre diversos temas como as *conseqüências pastorais salesianas do Sínodo africano*, a *pastoral vocacional*, a *formação* e os *leigos*.

P. Odorico apresentou também um dossiê completo de toda a evolução do Projeto África, de seu nascimento à atual etapa de consolidação.

Voltando a Roma, encontrou-se com os participantes do *Curso de Missiologia*, organizado pela Faculdade de Teologia da UPS. Manteve com eles uma ampla conversação sobre o projeto missionário da Congregação e a organização e expectativas do Curso de Missiologia.

De 2 de março a 25 de maio fez a *Visita Canônica Extraordinária* à Inspeção da África Central (Zaire, Ruanda e Burundi). Constatou sobretudo a trágica situação de Ruanda e Burundi, situação de grande insegurança social e de difícil reconstrução

no pós-guerra. Encorajou a retomada da presença salesiana e, com os responsáveis locais, indicou prioridades e metodologias da nova fase salesiana naqueles países.

Constatou com alegria, no conjunto da Visita Canônica, o crescimento das vocações locais (numerosos e bons candidatos) como também o espírito missionário de alguns jovens irmãos zairenses.

Voltando a Roma (25 de maio), observou com seus colaboradores que foi muito positiva a experiência do Curso de Missiologia, tanto do ponto de vista acadêmico como de participação e fraternidade salesiana missionária. O Conselheiro exprime nestas linhas um agradecimento especial aos responsáveis acadêmicos da faculdade de Teologia da UPS.

A partir de 1ª de junho o Conselheiro para as Missões uniu-se aos demais Conselheiros para as reuniões diárias da sessão plenária de verão (junho-julho 1995).

O Ecônomo Geral

Foram estes os compromissos do Ecônomo geral no período março-maio de 1995:

- 3-4 de março: encontro dos ecônomos inspetoriais da CISI em Gênova;

- 13-14 de março: Inspeção da Eslovênia. Presença no Capítulo inspetorial em Ljubljana-Rakovnik: assembléia e grupos de estudo sobre problemas econômicos; participação da inauguração dos novos locais da Editora Salesiana “Salve”. Em Zelimlje, encontro com o Conselho da casa sobre o desenvolvimento dos edifícios da escola.

- 16-18 de março: Inspeção da Croácia. Teve os seguintes encontros: com o Conselho inspetorial em Zagreb; com diretores e ecônomos da Inspeção no teologado de Zagreb-Knežija; com o centro catequético de Zagreb-Vlaška.

- 9-16 de abril: Lituânia, para os trabalhos de construção em Kaunas e Vilnius.

- 22-25 de abril: visita à Inspeção de Córdoba, Espanha. Reunião com o Conselho inspetorial sobre a situação econômica da Inspeção.

- 26 de abril: em Sevilha, encontro dos ecônomos inspetoriais da região Ibérica. Tema: revisão do novo modelo informatizado do rendiconto administrativo; observações sobre o “plano de contas”, modelo inspetorial e local.

- 7-12 de maio: Inspeção do Paraguai. Encontro com o Conselho inspetorial alargado aos ecônomos locais.

- 13-19 de maio: Inspeção do Equador. Encontro dos ecônomos da Inspeção em Cumbayá.

- 19-22 de maio: Inspeção das Antilhas. Visita às casas de Santo Domingo, Jarabacoa e La Vega.

O Conselheiro para a América Latina

Região Atlântico

A maior parte do primeiro semestre de 1995 foi dedicado pelo P. Techera à *visita extraordinária* da Inspeção “Nossa Senhora Auxiliadora” de São Paulo, Brasil. É a Inspeção da Região Atlântico com o maior número de salesianos, dela dependendo também aqueles que trabalham na Delegação de Angola. A visita a esse país da África será feita, com a ajuda de Deus, no próximo mês de agosto.

O trabalho em São Paulo teve início com o encontro do Visitador com o Conselho inspetorial para ter uma visão panorâmica da situação inspetorial e perceber os principais desafios, problemas, projetos, expectativas... Na manhã

do dia seguinte houve uma reunião com os Diretores. Seguiram-se as visitas a cada comunidade, segundo o calendário programado. Aconteceram alguns parêntesis, como o de 19 de março para participar do início do ministério episcopal de Dom João Zerbini, na cidade de Guarapuava, estado do Paraná (Brasil). No mesmo mês de março, no domingo 26, tomou parte da concelebração eucarística em que Dom Carlos Maria Collazzi foi consagrado Bispo da diocese de Mercedes, no Uruguai.

O Regional foi no dia 19 de abril à cidade de Manaus, para aí presidir a Conferência Inspecorial do Brasil. Alguns dos temas tratados foram: as comunidades de formação inicial e os centros de estudo no Brasil; os próximos Capítulos inspetoriais; informações sobre Angola; o segundo congresso internacional de Nossa Senhora Auxiliadora, programado para o próximo mês de dezembro em Cochabamba; o primeiro centenário da morte de Dom Lasagna, etc. Concluída a reunião, os participantes da Conferência tiveram a oportunidade de visitar as missões de Maturacá, Iauareté e São Gabriel da Cachoeira, com a principal fi-

nalidade de sensibilizar posteriormente a CIS-Brasil para uma maior ajuda, sobretudo de pessoal salesiano, para se continuar a cuidar dessas missões do Rio Negro.

A visita à Inspetoria de São Paulo concluiu-se no dia 4 de maio, com a reunião dos Diretores e Ecônomos, e do Inspetor com o seu Conselho. No dia seguinte o Regional partiu para Buenos Aires para presidir o encontro da Conferência Inspecorial do Plata. O encontro foi realizado na casa de retiros das FMA em San Miguel; foi precedido da reunião anual dos Formadores. Sobre os temas tratados na Conferência, a maior parte do tempo foi dedicada à análise das causas dos abandonos a partir de 1985, trabalho que fora preparado pela Inspetoria de La Plata. Outros argumentos foram: o voluntariado (com breve comentário ao documento recentemente enviado às Inspetorias); avaliação de todas as iniciativas que se realizam no campo de formação inicial e permanente em nível de Bacia do Plata, visando sobretudo a formação de uma equipe; o próximo Congresso Latino-americano dos Ex-alunos, que acontecerá no Paraguai; informações sobre Angola, sobre os Capítulos Inspecoriais, etc.

No dia 23 de maio P. Techera chegava a Turim para a vigília e festa de Nossa Senhora Auxiliadora, agradecendo por tantas coisas positivas vistas nesses meses e pedindo a ajuda de Maria para as necessidades das Inspetorias da Região.

Retornava a Roma no dia 25 de maio.

O Conselheiro para a América Latina

Região Pacífico-Caribe

Durante os meses de fevereiro-maio de 1995, o P. Guillermo García teve como atividade principal a *visita extraordinária* à Inspetoria do “Divino Salvador” da América Central; antes de chegar à Guatemala para iniciar a visita, deteve-se em Miami para cumprimentar a comunidade que, entre vários empenhos, tem também o de preocupar-se com os cubanos aí residentes.

Esteve também por alguns dias no México para encontrar-se e conversar com o novo Inspetor de Guadalupe, P. Salvador Flores, que substituiu recentemente ao P. Pascual Chávez. Visitou, na Inspetoria do México Sul, de modo especial, Tehuacán, para acertar com o Bispo e o Patronato alguns empe-

nhos daquela presença salesiana, a mais jovem da Inspetoria. Dali passou a Mérida, onde pôde constatar o promissor desenvolvimento das oficinas daquela que se chama “Alborada I”, célula mãe de uma série de oratórios periféricos que, segundo a intuição de Dom Bosco: “*Cerquem-se as cidades de oratórios, e se fecharão os cárceres*”, vai-se promovendo desde 1991 como meio eficaz de educação e transformação juvenil e popular das zonas de maior conflito da cidade.

Em seguida, o P. García deu uma rápida passada por La Habana, Cuba, onde animou o retiro espiritual dos irmãos daquela Delegação Inspetorial e teve um encontro com todos eles e com o Conselho, fazendo uma avaliação dos resultados da visita extraordinária realizada no segundo semestre de 1993. Outro motivo da viagem a Cuba foi o de ver como estão se adaptando os novos salesianos que chegaram à ilha: P. Miguel Angel Morán da Inspetoria do Chile e P. José Barbano da Inspetoria de La Plata, Argentina. Após uma viagem relâmpago a Santiago de Cuba, e antes de partir para a Guatemala, encontrou o Núncio Apostólico e também a

senhora ministra dos negócios religiosos do governo de Cuba, com a finalidade de esclarecer e definir a melhor forma de proceder para o ingresso no país de salesianos que desejam trabalhar naquele País.

A 21 de fevereiro, chegando à cidade de Guatemala, P. García iniciou em nome do Reitor-Mor a visita extraordinária à Inspetoria do “Divino Salvador”. Sucessivamente passou pelas casas dos seis países que compõem a Inspetoria: Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Ao visitar em San Salvador o “Centro Regional do Salesiano Coadjutor” (CRESCO), presidiu o “curatorium”, com a participação dos Inspetores dos irmãos que fazem a experiência formativa de pós-tirocínio naquela casa: Antilhas, América Central, Guadalajara, México, Peru e Venezuela.

A *América Central “Salesiana”*, na complexidade de situações e contextos culturais, sociais, religiosos, etc., embora enfrentando dificuldades sérias e graves, sobretudo de comunicação, conseguiu, em seus quase cem anos de vida, consolidar uma presença educativa e evangelizadora de primeira ordem em cada um dos

seis países. O influxo salesiano foi determinante, especialmente no campo das missões entre os indígenas, da educação clássico-humanista e técnico-profissional, da promoção popular, etc. A Inspetoria conta também com dois centros de peregrinações de grande ressonância na área centro-americana: a Basílica de Dom Bosco no Panamá e o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora em San Salvador. Nasceram também no território da América Central vários Institutos religiosos fundados por Salesianos: “Irmãos do Divino Salvador”, “Irmãos da Ressurreição” e “Missionários do Bom Pastor”, estes últimos compostos exclusivamente de indígenas, na maior parte *q’eqchies*, na região de Alta Verapaz, Guatemala.

O Visitador concluiu a visita à América Central no dia 21 de maio e partiu em seguida para Santo Domingo. Voou depois para Haiti, onde se deteve por dois dias. Hospedando-se em Thorland, comunidade dos pré-noviços (11), aproveitou também para conhecer o novo pós-noviçado aberto neste ano, com 11 formandos; teve uma reunião de trabalho com o Conselho da Visitadoria e celebrou a festa de Nossa Senhora Auxiliadora com a Família

Salesiana na obra das FMA de Port-au-Prince. Retornou a Santo Domingo no dia 25 de maio de onde partiu para Roma no dia seguinte, não sem ter antes um pequeno encontro com o Conselho das Antilhas. Esse foi o último compromisso do P. García em seu primeiro giro de 1995.

O Conselheiro para a Região Ásia

Durante os meses de fevereiro-maio de 1995, o Conselheiro para a Região Ásia, P. Thomas Panakezham, dedicou-se principalmente à *visita extraordinária* à Inspetoria “São José” de Hyderadab, Índia. A Inspetoria, nascida recentemente, a 24 de abril de 1992, está presente em 10 dioceses do estado de Andhra Pradesh, quinto maior da república indiana. Em 1992, quando de seu início, a Inspetoria contava com 110 irmãos e 7 noviços; hoje são 138 salesianos e 14 noviços. É uma Inspetoria marcadamente missionária, com sério compromisso pelos pobres. Ali se percebe grande espírito de trabalho e de sacrifício, com forte zelo pela evangelização. É uma Inspetoria que faz esperar no futuro!

Durante a visita o Regional esteve em Dimapur por uma semana para presidir a Conferência dos Inspetorias salesianas da Índia. Nessa reunião foi estudado o problema da divisão geográfica das Inspetorias indianas. Procedeu-se, também, à escolha dos membros da comissão de Formação em nível nacional, que tem a tarefa de estudar em profundidade o compromisso de inculturação na formação, de acordo com as conclusões da visita de conjunto. O regional, durante a visita, deu início à primeira fase do Capítulo da Inspetoria de Hyderadab.

Concluída a visita extraordinária, P. Panakezham foi à Inspetoria de Bangalore, particularmente ao centro de formação permanente “Don Bosco Yuva Prachodini”, muito apreciado pelos irmãos e por outros religiosos pelo serviço que presta, sobretudo à Índia.

Em seguida, após visitar o novo noviciado da Inspetoria de Madras-ta, deteve-se em Calcutá, onde pôde admirar a belíssima igreja dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora num bairro onde os salesianos trabalham pelos menos afortunados da sociedade. De Calcutá, o Regional foi à Tailândia, onde visitou a comunidade de formação.

Da Tailândia passou à Birmânia (Myanmar). Nessa Delegação da Inspetoria de Calcutá existem cerca de quarenta irmãos, incluindo 8 noviços, com o noviciado e o pós-noviciado em Anisakan, diocese de Mandalay, e a comunidade dos estudantes de teologia em Yangon (Rangoon). Vários irmãos desenvolvem o seu apostolado na diocese de Lashio, onde é bispo o salesiano Charles Bo. Há muita esperança para os salesianos nessa nação!

De 17 a 20 de maio P. Panakezham pôde admirar o desenvolvimento da presença salesiana em Phnom Pehn, Camboja. Mais de 120 jovens cambojanos da escola profissional estão se aperfeiçoando em alguma profissão.

Do Camboja o regional foi a Hong Kong, de onde pôde entrar na China e ver o trabalho pelos órfãos realizado pelos voluntários em Shek Tan.

Enfim, depois da posse do novo Inspetor da China, P. Pedro Ho, retornou a Roma a 29 de maio.

O Conselheiro para a Região Europa Centro-Norte e para a África Central

Depois de ter feito, anteriormente, várias visitas e mantido contatos pessoais em vários níveis com os irmãos dos Países Checos, P. Dominique Britschu fez a *visita canônica extraordinária* à Inspetoria boemo-morava de Praga. A visita, primeira do gênero na história atormentada dessa Inspetoria, realizou-se nos meses de abril e maio passados.

Precedentemente, nos meses de fevereiro e março, o Regional fizera uma breve visita de animação e avaliação – junto com o Conselheiro para a Formação – à Inspetoria de Budapeste. Participara também de várias reuniões em vista de uma futura presença salesiana na Romênia; interviu no estudo dos critérios de co-financiamento definidos pela União Européia em favor dos Países do Leste; participara da busca das modalidades de ajuda a Ruanda; elaborara propostas de nova reunião das Inspetorias européias, propostas a serem estudadas e aprovadas pelo próximo Capítulo Geral.

O Conselheiro Regional para Espanha e Portugal

Concluída a sessão plenária do Conselho Geral, o P. Antonio Rodríguez Tallon foi no dia 4 de fevereiro, com o Vigário do Reitor-Mor e outros quatro Conselheiros, para Abidjan, Costa do Marfim, a fim de participar dos trabalhos da *visita de conjunto* dos países de língua francesa e portuguesa da África.

No mesmo dia da conclusão da visita de conjunto, a 11 de fevereiro, põe-se em viagem para Lomé (República do Togo) onde inicia, com as três casas daquela cidade, a *visita extraordinária* à Inspetoria de Córdoba (Espanha). Fica em Lomé até 25 de fevereiro; nesses dias visita as comunidade do noviciado de Gbodjome, recentemente inaugurada, do pós-noviciado e da paróquia. Nos dias 22-23, na casa do pós-noviciado – “Maison Don Bosco” – reúne-se pela primeira vez o “curatorium”, com a participação dos Delegados da África Ocidental, P. Luís Maria Oliveras, e o da África Tropical-Equatorial, P. Miguel Angel Olaverri. Aprovam-se os Estatutos e examinam-se os relatórios informativos sobre a vida

religiosa e o andamento acadêmico e econômico.

A viagem de retorno à Europa é feita passando por Roma, onde se detém no dia 27 de fevereiro. Dia 28 está de novo em viagem para Madri para chegar no dia seguinte às Ilhas Canárias, onde começa a visita às casas espanholas da Inspetoria “São Domingos Sávio” de Córdoba.

Depois da visita às três casas, participa em Madri, no dia 20 de março de dois importantes encontros: com a “Junta de Governo da Procuradoria das Missões” (Comissão Permanente da Conferência Ibérica mais o Diretor-Procurador) e com a “Junta dos Proprietários da Central Catequética Salesiana” (os Inspetores da Espanha mais o Regional e o presidente do Conselho de administração). Nos dias 20 e 21 de março participa da reunião da Conferência Ibérica. Merecem ser assinalados como temas importantes dessa sessão: a análise das comunidades da África Ocidental, após a visita de conjunto; o “curatorium” de Lomé e a visita extraordinária às casas de Lomé (com a presença do Delegado). Outro tema a ser evidenciado é o da solidariedade inter-inspetorial: retorna-se ao tema na Conferência

Ibérica e trabalha-se sobre um documento preparado pela Consulta Permanente da mesma Conferência. Analisam-se também os relatórios informativos da Procuradoria das Missões e da Delegação Nacional para os Cooperadores Salesianos.

Em seguida, o Regional continua a visita à Inspeção de Córdoba; nos dias da Semana Santa participa da conclusão do Capítulo Inspeccional e da celebração da Páscoa para os jovens realizada em Córdoba.

A 22 de abril participa, ao menos por algumas horas, do Conselho Regional dos Ex-alunos Salesianos e, no dia seguinte, preside a Eucaristia da Festa do Reconhecimento em homenagem à Inspectora, que as Filhas de Maria Auxiliadora celebram em Sanlúcar la Mayor (Sevilha).

Participa, nos últimos dias de abril e 1^a de maio, dos trabalhos do “V Congresso Nacional de Maria Auxiliadora” que reúne cerca de 600 leigos de todas as Inspeções da Espanha para aprofundar aspectos da devoção a Nossa Senhora Auxiliadora. É o quinto de uma série de Congressos populares celebrados a cada quatro anos, e que trazem muita qualidade às Associações de Ma-

ria Auxiliadora, animando-as no aprofundamento cristão da devoção a Maria, no dinamismo de suas atividades, na dimensão social da caridade e na formação dos responsáveis. Foram dias de grande alegria para todos e densos de trabalho. Desta vez o Congresso foi realizado em Málaga, como evento conclusivo das celebrações do Centenário daquela Casa.

A 4 de maio P. Rodríguez fez uma rápida viagem a Madri para encontrar, juntamente com a Comissão Permanente da Conferência Ibérica, o Arcebispo de Madri, a fim de interessá-lo no projeto que a Conferência Ibérica está amadurecendo, de conferir o grau de licença em Pastoral Juvenil em algum de nossos centros de estudo.

Participa no dia 14 da Assembléia Inspeccional dos Cooperadores. Prega, depois, dois tríduos da novena de Nossa Senhora Auxiliadora, em Montilla e em Pozoblanco; nessa última cidade celebra a festa e a procissão de Maria Auxiliadora, com grande participação de jovens e de povo.

Em 25 de maio reúne em Córdoba o Conselho inspeccional para comunicar as primeiras impressões da visita extraordinária; dia 26 faz

o mesmo trabalho em Antequera com os diretores das casas; em 27 une-se à celebração da jornada da comunidade inspetorial, com a participação de um bom número de irmãos, jovens da casa de orientação vocacional e das casas de formação inicial.

No domingo, 28 de maio, participa da procissão de Nossa Senhora Auxiliadora celebrada em Málaga; nessa cidade há uma grande devoção a Maria Auxiliadora e um grande número de pessoas – entre 15 e 20 mil – participa da procissão.

Passa o dia 30 em Madri e no dia 31 retorna a Roma, para a presente sessão de trabalho do Conselho geral.

O Conselheiro para a Região Itália e Oriente Médio

Durante estes meses, a maior parte do tempo do P. Fedrigotti foi ocupada na continuação da *visita extraordinária* à Circunscrição Especial do Piemonte (ICP).

No dia 8 de fevereiro, em nome do Reitor-mor, esteve presente na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora para o início da cau-

sa de beatificação de Mamãe Margarida, introduzida pelo cardeal Giovanni Saldarini.

A 30 de março, presidiu na Crocetta, a “Liturgia da Ressurreição” pelo P. Antonio Fant, fazendo-se intérprete do reconhecimento da CISI e das igrejas italianas pelo precioso ministério musical realizado por ele durante várias décadas, com delicada sensibilidade litúrgica e salesiana.

A partir de 8 de abril uniu-se aos Inspectores CISI para os Exercícios Espirituais itinerantes, pregado pelo P. Morand Wirth, nos lugares da vida de São Francisco de Sales.

A 20 de abril, retorna a Roma para participar, com outros Conselheiros, dos funerais do P. Martin McPake, Regional da Região de língua inglesa.

De 2 a 13 de maio, o Regional vai a Nigéria, onde visita Akure e Ondo (dependentes da ICP) e também Onitsha (dependente da IAD/Ancona). A 9 de maio, em Benin City, encontra todos os missionários salesianos da nação para refletir sobre a situação e projetar o futuro na ótica unitária da presença salesiana. Para essa coordenação unitária é encarregado o P. Vittorio Albasini, diretor de Onitsha.

De 13 a 16 de maio, retornando a Roma, preside a assembléia CISI, dedicada especialmente aos temas da formação inicial. Sublinha-se entre outras coisas o excelente sucesso do pós-tirocínio para coadjutores em Valdocco, comunidade "São Domingos Sávio", no ano 1994-95; a necessidade de um "roteiro formativo standard" que seja ponto de referência e estímulo de continuidade nas diversas fases da formação inicial; a oportunidade de prever-se, também para os irmãos coadjutores, um "qüinquênio" formativo após a profissão perpétua.

No dia 15 de maio, na Pisana, com os Inspectores CISI e representantes de várias escolas, funda com ato do Tabelião Tuccari, a *Associação CNOS/ESCOLA* (Presidente, P. Giorgio Rossi; Vice-presidente, P. Gesuino Monni; Secretário, P. Bruno Bordinon). Finalidade da Associação será, entre outras, oferecer unidade de animação, proposta e representação às escolas salesianas da Itália – concluindo dessa forma uma longa e laboriosa reflexão da CISI e deixando uma marca que pretende ser de esperança para a escola salesiana na Itália.

Ainda na Pisana, no dia 15 de maio à tarde, participa da Consulta Missionária Italiana.

Nas noites dos dias 20, 25 e 28 de maio preside a procissão de Nossa Senhora Auxiliadora respectivamente em San Benigno, Trino Vercellese, Turim/São Paulo, invocando a intercessão da Virgem para a fecundidade da Visita Extraordinária à ICP.

Enfim, como conclusão da Visita, encontra no dia 29 de maio os diretores e a assembléia inspetorial e dedica todo o dia seguinte ao diálogo com o Conselho inspetorial. No dia 31 de maio, festa da Visitação, retorna a Roma.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

P. Augustyn Dziedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polônia, no período de 1º de fevereiro a 30 de maio de 1955 realizou as seguintes atividades.

A 1º de fevereiro foi a Zâmbia para visita de animação às comunidades salesianas, observar o desenvolvimento das obras de Dom Bosco no país e encontrar-se com a Família Salesiana.

Com o superior da Circunscrição de Lusaka, P. Piotr Boryczka, foi também a Malavi em visita a Dom Tarcisius G. Ziyaye, Bispo da Diocese de Lilongwe, para tratar com ele e conhecer pessoalmente as duas propostas alternativas para a primeira presença salesiana naquele Estado.

Em seguida foi a Nairobi, Quênia, para participar da *visita de conjunto* dos países africanos de língua inglesa.

Depois de alguns dias em Roma, partiu para a Polônia. Aí participou no dia 22 de fevereiro dos funerais do P. Andrzej Swida, benemérito inspetor da Inspetoria polonesa de Varsóvia. Presidiu, em seguida, – ainda em Varsóvia – o encontro da Consulta da Conferência das Inspetorias da Polônia. Visitou, depois, o P. Zdzislaw Weder, Superior da Cir-

cunscrição Leste de Moscou, hospitalizado em Łódz.

De 1º de março a 22 de maio, P. Dziedziel fez a *visita extraordinária* à Inspetoria eslovaca “Maria Auxiliadora”, com sede em Bratislava. Nesse serviço, além da visita às comunidades salesianas e do encontro com os irmãos, visitou também as comunidades das Filhas de Maria Auxiliadora e encontrou-se com os vários grupos da Família Salesiana. No dia 20 de abril participou em Roma dos funerais do P. Martin McPake.

Concluída a visita da Eslováquia, reuniu novamente no dia 27 de maio em Czestochowa, a Consulta da Conferência inspetorial da Polônia para tratar de assuntos atuais da Congregação naquele País.

No dia 30 de maio retornou à Casa Geral de Roma.

5.1 Breve Apostólico para a beatificação da Ven. Serva de Deus Maddalena Caterina Morano FMA

Apresentamos a tradução do Breve Apostólico para a beatificação da Ven. Serva de Deus Maddalena Caterina Morano FMA, recebido recentemente.

S.S. JOÃO PAULO II

ad perpetuam rei memoriam

“Seja santificado o teu Nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade” (Mt 6,9-10).

As invocações com que se abre a oração ensinada por Jesus, que Maddalena Caterina Morano aprende na primeira infância, logo conquistam sua alma aberta a grandes ideais; ou melhor, tornam-se constante ânsia, alma e força daquela atividade apostólico-catequética que marcará toda a sua existência de educadora, tanto entre as jovens como entre as irmãs.

A Venerável Serva de Deus nasce em Chieri, pequena cidade

da província de Turim, no dia 15 de novembro de 1847 de Francesco e Caterina Pangella, sendo no dia seguinte regenerada pelo batismo na catedral de S. Maria della Scala. A família, que já sofrera provas e lutos, priva-se também do pai em 1855, após os acontecimentos bélicos, quando Maddalena ainda não contava oito anos. Aluna ativa e inteligente, vê-se na necessidade de deixar temporariamente a escola para ajudar a mãe no trabalho de tecelã.

Mesmo trabalhando, Maddalena não transcura, antes, aprofunda o estudo diligente do catecismo, e com 10 anos de idade é admitida à primeira Comunhão. Essa é uma experiência que nela suscita ardentes desejos de santidade e de dedicação ao bem. Retomada a escola pouco mais tarde, graças à ajuda de parentes, consegue o diploma de magistério, tendo realizado ao mesmo tempo um válido tirocínio pedagógico entre as crianças do jardim de infância.

Nomeada mestra comunal em Montaldo Torinese, encarna por doze anos a figura de apóstola leiga, dedicada à missão educativa cristã que se estende também fora da escola. E, quando consegue garantir à mãe um futuro tranquilo, retoma finalmente em consideração o seu propósito de seguir a vocação religiosa: em 1878 é recebida no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora pela mesma Co-fundadora, Santa Maria Domingas Mazzarello.

No ano de 1879 Maddalena emite a primeira profissão religiosa e, em 1880, a perpétua. No ano seguinte é enviada à Sicília para dirigir um Instituto para órfãs em Trecastagni (província de Catânia). Inicia assim o segundo período de sua vida operosa, que a leva a empreender no espaço de vinte e sete anos várias atividades e novas fundações em toda a ilha.

Em 1907 é nomeada Superiora da província havia pouco constituída na Sicília, onde empregou suas energias para dilatar o Reino de Deus mediante obras assistenciais, educativas e escolares, oratórios e oficinas dirigidas à melhoria da condição juvenil e especialmente à promoção da mu-

lher. Base e fulcro de toda sua iniciativa é sempre a catequese, a que se dedica com verdadeira paixão apostólica até à morte, tendo recebido do Arcebispo de Catania o encargo de sua coordenação diretiva nas paróquias da cidade.

Atingida durante diversos anos, também com repetidas e dolorosas crises, por uma infecção tumoral não operável, foi levada a ceder diante de um enésimo assalto febril agudo. Em poucos dias chega ao fim, acolhida com atitude de filial alegre adesão à vontade do Pai celeste. É o dia 26 de março de 1908.

A fama de santidade, já viva ao redor dessa figura de “educadora perfeita” e modelo de maternidade espiritual como Superiora, exprime-se claramente na celebração dos funerais e, com o passar dos anos, continua a crescer e divulgar-se. O que leva sua Família religiosa a pedir ao Arcebispo de Catania o início da Causa de canonização (1935). Feito tudo quanto estabelecido pelo direito, a 1º de setembro de 1988 Nós mesmos declaramos que a Serva de Deus exerceu as virtudes teológicas e cardeais e as demais virtudes anexas em grau heróico.

Em 1991 celebrou-se em Catânia o processo canônico sobre o caso de uma cura extraordinária, acontecida em 1945, atribuída à intercessão da mesma Venerável Serva de Deus.

Submetido o caso aos costumeiros estudos com resultado favorável a 28 de janeiro de 1994 dispusemos a promulgação do Decreto *super miro*. Estabelecemos então que o rito de beatificação fosse celebrado no dia 5 de novembro sucessivo, por ocasião da Nossa visita apostólica a Catania.

Hoje, portanto, no decurso da celebração, pronunciamos a sagrada fórmula em língua italiana: *Nós, acolhendo o desejo de nosso irmão Luigi Bommarito, Arcebispo de Catania, de muitos irmãos no Episcopado, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e de toda a Família Salesiana e de muitos fiéis, e depois de ter obtido o parecer da Congregação para as Causas dos santos, concedemos, com a nossa Autoridade Apostólica, que a Venerável Serva de Deus Irmã Maddalena Caterina Morano a partir de agora seja chamada Beata, e que se possa celebrar a sua festa, nos lugares e de acordo com as normas estabelecidas pelo direito, a 15 de*

novembro de cada ano. Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Quanto decretamos acima tenha vigor hoje e no futuro, apesar de qualquer disposição em contrário.

Dado em Catania, sob o anel do Pescador, no dia 5 de novembro do ano de 1994, décimo sétimo de Nosso Pontificado.

Ass.: ✠ Angelo Card. Sodano
Secretário de Estado

5.2 Comissão Pré-capitular para o CG24

O Reitor-Mor, depois de consultar o seu Vigário, o Regulador do CG24 e os Conselheiros Gerais nomeou, de acordo com o art. 113 dos Regulamentos gerais, a *Comissão Pré-capitular* para o próximo CG24, com as incumbências fixadas pelo mesmo artigo regulamentar.

Em ordem alfabética são estes os membros nomeados para a Comissão, com a sigla das respectivas Inspetorias: Ricardo Arias (SBI), Alain Beylot (FPA), Pascual Chávez (MEG), Antonio Domenech (SBA), Joaquim D'Souza (INB), Marian Dziubiński (PLS), Angel Divasson (VEN), Albert Van Hecke (BNE), Stanislav Hočevár

(SLO), Joseph Kabadugaritse (AFC), Cristóbal López (PAR), Giovanni Mazzali (ILT), Jean-Paul Muller (GEK), Gian Luigi Pussino (IRO), Michael Winstanley (GBR), Luigi Zuppini (MDG).

A Comissão foi convocada pelo Regulador do CG24 para o dia 14 de setembro p.f. A duração dos trabalhos é prevista para o período de 14 a 30 de setembro, com eventual prolongamento, se necessário, pela primeira semana de outubro.

5.3 Aprovado o novo texto da Liturgia das Horas para os Institutos da Família Salesiana

Com decreto datado em 23 de dezembro de 1994 (prot. 1443/93/L) o Card. Antonio M. Javierre, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, aprovou oficialmente o Calendário litúrgico e os Textos próprios da Liturgia das Horas – em língua italiana – para os três Institutos de Vida Consagrada da Família Salesiana (Sociedade de São Francisco de Sales, Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Instituto secular

das Voluntárias de Dom Bosco), conforme pedido apresentado a seu tempo pelo Revm^a Reitor-Mor, P. Egidio Viganò.

Anteriormente, como é sabido, foram aprovados o Rito da Profissão salesiana (1989) e os textos das Missas próprias (1990).

Promulgando a Liturgia das Horas na Páscoa deste ano (16 de abril de 1995), o Reitor-Mor sublinhava que chega assim ao final o trabalho de revisão dos textos litúrgicos, que vinha sendo realizado há vários anos com a colaboração de uma Comissão nomeada pelo Reitor-Mor e com o acompanhamento do Dicastério da Formação e do próprio Conselho Geral. Foram também consultadas as FMA para os textos das festas e memórias que lhes interessam.

Embora notando que os textos litúrgicos são aprovados em primeiro lugar e diretamente para os Institutos de vida consagrada acima nomeados, o Reitor-Mor acrescentava que eles “podem ajudar a todos os membros da Família Salesiana – chamados a viver o Evangelho em plenitude com o estilo próprio do carisma recebido – a celebrar as maravilhas do Senhor em seus

Santos e a prolongar o empenho na liturgia da vida”.

Enquanto são preparadas as traduções em várias línguas, as Confeções dos Inspetores da Itália (CISI) e das Inspetoras FMA (CII) publicaram, com data de 24 de maio, solenidade de Nossa Senhora Auxiliadora, o livro *“Famiglia Salesiana in Preghiera”*, que contém tanto os textos das Missas próprias como os da Liturgia das Horas: instrumento útil para a oração dos irmãos, irmãs e membros da Família Salesiana.

5.4 Novo Bispo Salesiano

Dom CANTILLAS Precioso, Bispo Auxiliar de Cebu (Filipinas)

No dia 31 de maio de 1995, o *Osservatore Romano* publicava a notícia da eleição, por parte do Santo Padre, do nosso irmão sacerdote *Precioso CANTILLAS* como Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Cebu, Filipinas, com o título de Vico di Cesare.

Precioso Cantillas é filipino e nasceu a 3 de julho de 1953 em Lantad-Naga, província de Cebu. Conheceu os Salesianos frequentando a escola técnica de Cebu (onde conseguiu o diploma em

mecânica) e, atraído por Dom Bosco, entrou no noviciado de Canlubang, fazendo a primeira profissão a 1ª de maio de 1972.

Após os estudos filosóficos e a prova prática do tirocínio, frequentou os estudos teológicos em Parañaque, Manilha, ao final dos quais foi ordenado presbítero a 7 de dezembro de 1979.

Depois da ordenação empenhou-se logo no trabalho educativo e pastoral, com encargos de responsabilidade. Conselheiro inspetorial da Inspeção filipina desde 1985, em 1991 foi nomeado diretor da grande obra de Mandaluyong. Quando, em 1992, foi criada a Inspeção do Sul, ele passou a Cebu como diretor da obra chamada “Boys’ Town”, muito significativa, inserindo-se plenamente na realidade eclesial local.

Agora foi chamado a colaborar como Auxiliar ao lado do Arcebispo da cidade.

5.5. Algumas nomeações significativas

1. *Dom VELASCO GARCIA Ignacio, Arcebispo de Caracas.*

Com data de 28 de maio de 1995, *L'Osservatore Romano* publicou a notícia da nomeação de

Dom *Ignacio VELASCO GARCIA SDB*, até agora Vigário Apostólico de Puerto Ayacucho, para Arcebispo na sede metropolitana de Caracas (Venezuela).

2. Dom *BERTONE Tarcisio*,
Secretário da Congregação
para a Doutrina da Fé.

L'Osservatore Romano de 14 de junho de 1995 publicou a notícia que o Santo Padre nomeara Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, Dom *Tarcisio BERTONE SDB*, até então Arcebispo de Vercelli.

3. Dom *MELANI Marcello*, Bispo de Viedma (Argentina)

Com data de 28 de junho de 1995 foi publicada no *L'Osservatore Romano* a notícia da nomeação como Bispo na sede de Viedma (Argentina) de Dom *Marcello MELANI SDB*, até o momento Bispo Auxiliar da mesma Diocese.

4. Dom *RODRIGUEZ MARADIAGA Oscar*, Presidente da Conferência Episcopal da América Latina.

Dom *Oscar RODRIGUEZ MARADIAGA SDB*, Arcebispo de Tegucigalpa (Honduras), foi eleito Presidente da Conferência Episcopal da América Latina (CELAM), no decurso da reunião da Assembléia da mesma Conferência.

5. P. *Luc VAN LOOY*, Assistente eclesiástico da União mundial dos Professores católicos.

No dia 24 de março de 1995, o Card. Angelo Sodano, Secretário de Estado, comunicava ao P. Luc Van Looy, Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil, a sua nomeação – por parte da Santa Sé – como Assistente eclesiástico da União mundial dos Professores católicos (UMEC), para um período de quatro anos.

5.6 Irmãos falecidos (1995 - 2ª lista)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão"(Const. 94).

NOME		LUGAR E DATA DA MORTE		IDADE	INSP.
P	ACCHIARDO Antonio	Turim	09.03.95	96	ICP
P	ADT Paul	La Crau-La Navarre	07.04.95	81	FLY
P	AIMONETTO Angel	Salta	18.06.95	87	ACO
P	BARDELLA Giuseppe	Como	21.03.95	78	ILE
P	BASSO Paolo	Varazze	10.06.95	79	ILT
L	BOLAÑOS GONZALEZ Daniel	Santa Ana (El Salvador)	05.02.95	90	CAM
L	BOLIS Enrico	Roma	09.06.95	75	UPS
P	BONTE Pier	Nijmegen (Olanda)	02.07.95	70	HAI
L	BOTTA Jorge Osvaldo	Ramos Mejía	25.05.95	79	ALP
L	BRUANT Joseph	Caen	18.04.95	78	FPA
P	CAMMARATA Edoardo	Catania	24.06.95	78	ISI
P	CANALS PUJOL Juan	Barcelona	06.04.95	65	SBA
Foi inspetor por 6 anos					
P	CARNEVALE Pasquale	Roma	02.06.95	79	IRO
P	CASTENETTO Marcello	Monteortone	07.03.95	85	IVO
P	CELI Giuseppe	Nizza Monferrato	12.03.95	87	ICP
P	COMPAGNIN Gino	Recife	07.05.95	85	BRE
L	CORTS Emilio Flix	Santafé de Bogotá	09.02.95	81	COB
P	COSATO Luigi	Castellammare di Stabia	11.03.95	69	IME
L	CROSIO Gottardo	Turim	27.05.95	81	ICP
L	D'AMBROSIO Vittorio	Pacognano	10.06.95	62	IME
P	D'ANDREA Gianbattista	San Felix	12.06.95	75	VEN
P	DANI Giovanni	Pisa	24.06.95	91	ILT
P	DE BONIS Francesco	Roma	14.03.95	87	IRO

NOME		LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
E	DE NEVARES Jaime Francisco	Neuquén	19.05.95	80	–
Foi por 30 anos Bispo de Neuquén					
P	DECAE Pol	Rijswijk	24.05.95	67	OLA
P	DEL MAZZA Valentino	Roma	11.03.95	75	UPS
P	DORAN John Joseph	Milford-Limerick	21.03.95	48	IRL
P	DWOROWY Wilhelm	Poznan	23.04.95	82	PLO
P	EDELÉNYI István	Budapest	09.07.95	82	UN
Foi inspetor por 25 anos					
P	ESPALLA Miguel Juan	Luján	03.06.95	77	ACO
P	FANT Antonio	Turim	27.03.95	64	ICP
L	FELETTI Pacifico	La Paz	30.06.95	64	BOL
P	FORMAGGIO Isidoro	Cuenca	12.06.95	86	ECU
P	FRANCIS Cyril	Bombaim	27.03.95	71	INB
P	GAINZA Javier	Lima	16.05.95	57	PER
P	GANDARA ALONSO Antonio	Jerez de la Frontera	25.03.95	93	SSE
L	GERONÉS VALLS José	Sevilha	10.04.95	86	SSE
P	GIANNONE Francesco	Ali Terme	25.03.95	83	ISI
P	GILLET Albert	Bruxelas	10.04.95	94	BES
P	GOIS Paulo Leandro	Recife	09.04.95	78	BRE
P	GOMEZ DOMINGUEZ José	Morelia	11.03.95	84	MEM
P	GRAZIANI Sulpizio	Roma	06.04.95	65	IRO
P	GUEVARA VILLA Mario	Santiago do Chile	02.03.95	76	CIL
L	HACKER Georg	Pfaffendorf	27.06.95	77	GEM
L	HALENAR Michele	Praga	27.02.95	69	SLK
P	HAM Theo	Zwijndrecht	08.05.95	78	BEN
P	HERNANDEZ ZOCO Eusebio	Valencia	08.03.95	62	SVA
L	HOCHHLZER Franz	Amstetten	24.06.95	93	AUS
P	HORNAUER Siegfried	Linz	27.05.95	83	AUS
L	INGROSSO Giuseppe	Castellammare di Stabia	04.06.95	73	IME
L	IVO Pedro	Recife	22.03.95	91	BRE
P	IVORRA SEGURA Manuel	Pamplona	03.06.95	83	SBI
P	JACOANGELI Adriano Giuseppe	Roma	18.05.95	70	IRO

	NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
P	KELLEY William	New Rochelle	04.06.95	85	SUE
P	KOCZKA Ferenc	Budapest	12.05.95	82	UNG
P	LIVELLARA Antonio Lorenzo	La Plata	24.04.95	94	ALP
P	McPAKE Martin	Roma	18.04.95	70	RMG
Foi Conselheiro Geral por 11 anos					
P	MERCANTI Zeffirino	Verona	14.05.95	82	IVO
P	MORLUPI Arturo	Ancona	29.05.95	68	IAD
Foi Inspetor por 11 anos					
P	MOURA José Pedro	Taubaté (SP)	08.04.95	90	BSP
P	NAUJOKAS Anthony	Columbus	15.04.95	85	SUE
P	NICORA Pietro	Varazze	10.04.95	84	ILT
P	NOVELLI Carlo	Borgo San Martino	21.06.95	85	ICP
P	NOWAK Zdzislaw	Poznan	09.03.95	70	PLO
P	PALAMINI Giovanni	Parre (BG)	23.06.95	76	CAM
P	PALLEJA RIPOLL Remigio	Barcelona	11.03.95	68	SBA
P	PAROLA Giuseppe	Turim	15.05.95	78	ICP
L	PAVAN Giuseppe	Trieste	25.05.95	86	IVE
P	PELLI Oddone	Turim	09.03.95	81	ICP
L	PENASSO Francesco	Varazze	21.04.95	90	ICP
P	PESSOLA Donato	Bari	18.04.95	74	IME
P	PRUNOTTO Luigi	Turim	22.06.95	74	ICP
P	RAMASSO Luis	San Isidro	27.04.95	93	ABA
Foi Inspetor por 15 anos					
P	SABINI Antonio	Cochabamba	19.03.95	71	BOL
P	SALVADOR Joaquim	São Paulo	17.05.95	75	BSP
L	SANTI Luigi	Torino	01.06.95	71	ACO
P	SARTORI Bartolomé	Tucumán	19.05.95	77	ACO
P	SNELL Charles	Farborough	13.06.95	69	GBR
P	SORDO Antonio	Torino	15.03.95	89	ICP
P	SOVINSKI José	Paysandú	28.03.95	62	URU
P	SUAREZ BENITEZ Enrique	Pereira	04.06.95	78	COM
P	TASSINARI Vasco	Bolonha	09.05.95	81	ILE

NOME		LUGAR E DATA DA MORTE		IDADE	INSP.
P	TATAK Vizzorio	Turim	29.03.95	72	ICP
P	TAVERNA Giuseppe	Sesto San Giovanni	26.05.95	69	ILE
L	TRIMBOLI Giuseppe	Roma	14.02.95	85	IRO
P	UTROSA João	Estoril	23.06.95	84	POR
L	VALLE Antonio	Taranto	10.05.95	80	IME
P	VAN DER LIST Bas	Hoogland	09.06.95	82	OLA
P	VAN GRIEKEN Leopold	Heusden	22.04.95	86	BEN
L	VENTURELLI Giussepe	Castellammare di Stabia	24.03.95	84	IME
P	VIGANÓ Egidio	Roma	23.06.95	74	RMG

Foi Inspetor por 6 anos, Conselheiro Geral para a Formação por 6 anos e por 17 anos Reitor-Mor

P	VILLADEMOROS Gavino	West Haverstraw	16.03.95	81	SUE
P	ZAVATTARO Mario	Vigiano Biellese	03.07.95	80	ICP
P	ZERBINO Pietro	Turim	02.06.95	91	ICP

